



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

FABIANA GOMES FIALHO

EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E A CIDADE DE MARINGÁ: PRÁTICAS E SABERES

**MARINGÁ
2011**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

FABIANA GOMES FIALHO

EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E A CIDADE DE MARINGÁ: PRÁTICAS E SABERES

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como parte dos requisitos para a obtenção do
grau de Bacharel em Geografia, da
Universidade Estadual de Maringá.**

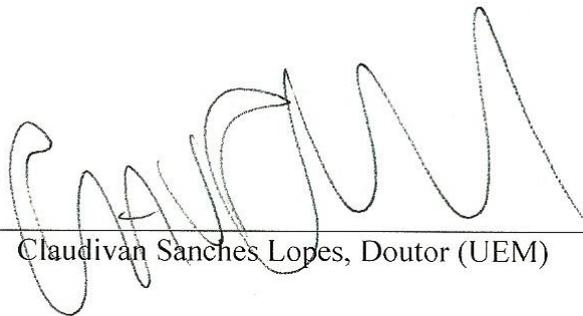
**Orientador:
Prof. Dr. Claudivan Sanches Lopes**

**MARINGÁ
2011**

FABIANA GOMES FIALHO

EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E A CIDADE DE MARINGÁ: PRÁTICAS E SABERES

BANCA EXAMINADORA



Claudivan Sanches Lopes, Doutor (UEM)



Elza Yasuko Passini, Doutora (UEM)



Valkiria Trindade de Almeida Santos, Mestre (NRE)

Aprovado em 24/11/2011

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso a todos àqueles que me apoiaram desde o início da vida acadêmica aos dias de hoje. Em especial a minha mãe que lutou muito para que eu pudesse estar concluindo este curso.

AGRADECIMENTOS

Há muito a agradecer, primeiramente a Deus que me permite a vida e me dá forças para lutar.

Gostaria de forma especial agradecer imensamente ao Professor Dr. Claudivan Sanches Lopes, que durante a realização da pesquisa se mostrou muito atenciosa, me orientando e ajudando de forma muito gentil e generosa a elaborar e desenvolver este trabalho, e mais ainda, me permitiu descobrir como é ser um bom professor.

À minha mãe pela sua luta de vida e por estar no meu lado.

À minha avó Jorcina dos Santos, com quem aprendi muito sobre a vida.

Ao meu namorado Rogério Grava Carreira pelo carinho, apoio e motivação.

Aos meus tios e tias, Andrea Gomes, Nilson José Cirino, Maria Salete Gomes Danellon e Silvano Gomes Danellon que sempre estão perto de mim. A minha tia de coração Adenir Amália de Carvalho Castro e Silva pelo carinho.

Às minhas amigas de longa data Cecília de Carvalho Castro e Silva e Mariana Amália de Carvalho Castro e Silva pela amizade, motivação e apoio mesmo estando distantes.

Aos professores que colaboram de forma imensurável para realização do trabalho, assim, quero deixar expresso minha admiração por eles e a graça de tê-los encontrados neste percurso de trabalho.

E a todas as pessoas que me ajudaram direta e indiretamente na realização deste.

“Assim, o homem produz um mundo com o qual parece não se identificar. O espaço que ele produz, no processo de reprodução de sua vida, aparece como algo externo a ele. O espaço é produzido cada vez mais enquanto condição geral da produção e o Estado tem um papel fundamental para a reprodução do sistema e interfere produzindo infra-estruturas e todo o aparato necessário à reprodução ininterrupta do processo de acumulação do capital. Fora da fábrica, o mundo dos homens passa a ser o mundo das coisas, das mercadorias. A vida em si parece ter pouca importância para o capital e o estado” (Ana Fani Alessandri Carlos).

RESUMO

Este trabalho está centrado na investigação de como o conteúdo cidade é trabalhado no ensino de Geografia e, especialmente, na análise de aspectos relacionados à cidade de Maringá-PR. Por meio dos conceitos da ciência geográfica e conteúdos da Geografia escolar delineados nos currículos escolares e diretrizes oficiais e, principalmente, por meio de suas práticas de ensino, defendemos ser possível aos alunos alcançarem um amplo conhecimento a respeito da cidade e de seus problemas. É possível, nesse sentido, considerando que a vida humana é cada vez mais urbana, uma apreensão crítica da cidade, um “enxergar-se na cidade” uma vez que todos fazem parte dela, no propósito de formar indivíduos conscientes dos processos que fazem e refazem, que constroem e “destroem” a cidade e, principalmente “a sua” cidade. A cidade é um tema fundamental no ensino de Geografia porque é aí que o cotidiano se manifesta, ela é o lugar da reprodução não só do capital, mas, principalmente da vida. Assim, o objetivo dessa pesquisa é analisar, considerando a realidade da educação básica, como o ensino da cidade é praticado pelos professores de Geografia nas escolas de Maringá-PR. Mais especificamente, buscamos investigar como os professores exploram a cidade Maringá em suas aulas visando potencializar o ensino da cidade como conteúdo da disciplina de Geografia considerando-a, simultaneamente, conteúdo e espaço de aprendizagens. Em uma abordagem qualitativa, a coleta de dados efetivou-se por meio da aplicação de questionários a dez professores e entrevista com três destes, que atuam na rede pública de ensino da cidade de estudo. Concluímos que o ensino da cidade permite a compreensão, e o fortalecimento da identificação dos alunos com lugar onde residem. O estudo da cidade apresenta-se, deste modo, como uma possibilidade ímpar de efetivação do entendimento da organização do espaço geográfico, possibilitando aos alunos um viver mais consciente e uma atuação cidadã em seu espaço de vivência. Finalmente, verificamos baseado nos depoimentos dos professores que participaram de nossa investigação, que a cidade de Maringá oferece inúmeras possibilidades para a realização de aprendizagens significativas e, especialmente, para aprender sobre sua organização, função, potencial e problemas, e também para o aprendizado de conhecimentos fundamentais para formação global pelo aluno.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Cidade; Cidadania; Maringá.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Sistematização do conceito de Cidade.....	19
Figura 02 – As dimensões educativas da cidade.....	24
Figura 03- Localização do Município de Maringá.....	30
Figura 04 - Mapa de Maringá elaborado por Jorge de Macedo Vieira em 1945.....	32
Figura 05: Esquema do desenvolvimento da pesquisa.....	40
Figura 06: Esquema para o aprendizado da cidade.....	48

APÊNDICE

APÊNDICE A – Questionário aplicados aos professores participantes da entrevista

APÊNDICE B – Entrevista realizada com o professor P₅

APÊNDICE C – Entrevista realizada com o professor P₈

APÊNDICE D – Entrevista realizada com o professor P₁₀

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O ENSINO DE GEOGRAFIA E A CIDADE	13
1.1 A CIDADE EDUCADORA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	22
1.2 A CIDADE, A CIDADANIA E O ENSINO DE GEOGRAFIA.....	24
2 A CIDADE DE MARINGÁ: UM BREVE HISTÓRICO	28
2.1 EXPANSÃO URBANA DA CIDADE DE MARINGÁ.....	31
3 A PESQUISA DE CAMPO: ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS	37
3.1 A COLETA DOS DADOS: QUESTIONÁRIOS E ENTREVISTAS.....	39
4 A ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS E DAS ENTREVISTAS	41
4.1 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA E O CONTEÚDO CIDADE NA PRÁTICA DOS PROFESSORES.....	41
4.2 CONCEITOS DA GEOGRAFIA NO ENSINO DA CIDADE.....	51
4.3 O ENSINO DA CIDADE DE MARINGÁ.....	55
4.4 O TRABALHO DE CAMPO PARA O ENSINO DA CIDADE E A CIDADE DE MARINGÁ.....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71
APÊNDICE	74

INTRODUÇÃO

À Geografia está reservada um imenso potencial no ensino da cidade. Através de seus conceitos e conteúdos, delineados nos currículos escolares e diretrizes oficiais e, principalmente, por meio de suas práticas de ensino, acreditamos ser possível aos alunos alcançarem um amplo conhecimento a respeito da cidade e de seus problemas. É possível, nesse sentido, considerando que a vida humana é cada vez mais urbana, uma apreensão crítica da cidade, um “enxergar-se na cidade”, uma vez que todos fazem parte dela, no propósito de formar indivíduos conscientes dos processos que fazem e refazem, que constroem e “destroem” a cidade e, principalmente “a sua” cidade. A cidade como tema de ensino é considerada fundamental porque é aí que o cotidiano se manifesta, ela é o lugar da reprodução não só do capital, mas, principalmente da vida.

Defendemos, e este é um pressuposto importante desta investigação, que o ensino de Geografia possibilita a construção de um pensamento esclarecido sobre a cidade. Ou seja, a valorização do ensino da cidade nas aulas de Geografia pode contribuir efetivamente para a formação de alunos cidadãos que compreendam de modo crítico a cidade em que vivem, que compreendam os diferentes lugares que a compõe como locais produzidos segundo projetos sociais e políticos determinados. Entendemos, em consonância com outros autores, que a participação dos professores e alunos neste processo educativo é viável, desejável e pode contribuir para garantir nela [na cidade] a melhor vida coletiva possível (CASTELLAR, 2010).

Com o intuito de formar alunos conscientes dos valores da cidadania, cômicos e atuantes na cidade, almejamos contribuir para favorecer um processo educativo que vise uma transformação, ou seja, oferecer ferramentas teóricas e práticas para que os alunos possam participar das deliberações importantes da cidade em que vivem; que possam, também eles, participarem das decisões que proporcionem melhorias sociais e territoriais, não somente a alguns, mas para o coletivo da população. E para isso, o ensino de Geografia, sob o ponto de vista desta pesquisa, pode responder de maneira positiva a essas proposições e sustentar expectativas.

Entendemos que uma genuína educação geográfica, com suas práticas e seus saberes, é um referencial de grande importância ao processo educativo de crianças e jovens, pois se considera que possibilita revelar características essenciais de seu espaço de vivência, sendo indispensável para proporcionar aos mesmos a oportunidade de interpretar e analisar esse lugar. A cidade é um objeto de estudo que, como afirma Castellar (2010, p. 127), “[...]”

dinamiza a prática docente e torna a geografia mais significativa”. A partir das experiências individuais e coletivas de alunos e professores, mediada pela teoria geográfica, é possível a construção de um conceito de cidade que proporcionem a ambos “pensar a cidade”, “compreendê-la”, e nela poder agir.

Por meio da interpretação e compreensão dos diferentes espaços da cidade o aluno torna-se capaz, deste modo, de entender que o espaço geográfico não é homogêneo e, ainda, de questionar a lógica econômica e política determinantes de sua materialidade. Sendo possível tal leitura através do exame da paisagem urbana que é dinâmica e que, para o bem de poucos ou de muitos, se transforma ao longo tempo.

Conceitos como espaço geográfico, paisagem, território e lugar, “andam de mãos dadas” no ensino da cidade. Entretanto o ensino da cidade, como toda boa prática docente, depende de um encaminhamento metodológico bem definido. A necessária interdependência dos conceitos-chave da Geografia já mencionados na aprendizagem da cidade é, deste modo, fundamental e o início da instrumentalização teórica do aluno para compreendê-la.

Verificando a importância da vinculação entre os conteúdos sistematizados e os conteúdos da vida cotidiana dos alunos, as Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná (2008), como também propostas curriculares de outros lugares do Brasil (CAVALCANTI, 2002), valorizam o estudo do meio urbano e orientam os professores a abordá-lo considerando, no caso do documento do estado do Paraná, quatro dimensões: “as dimensões estruturantes dos conteúdos”. Na *dimensão sócio-ambiental* podem-se trabalhar as questões de qualidade de vida nas cidades, bem como a necessidade de preservar os recursos naturais. Na *dimensão cultural e demográfica*, aborda-se a questão dos movimentos migratórios, ocupação urbana, movimentos sociais, organização urbana, relações étnico-raciais e as diferentes identidades culturais. Na *dimensão econômica*, analisar as desigualdades presentes no espaço urbano, a materialização das diferenças no espaço geográfico, as relações de produção e consumo, o processo de urbanização e o uso do solo, entre outros. Por fim, a *dimensão política*, que remete a interdependência da cidade e campo, a cidade sendo o centro de tomadas de decisões econômicas e políticas, bem como espaço de lutas por melhor qualidade vida, como transporte, moradias, saúde, saneamento básico, entre outros. Vemos, portanto, a importância do tema, foco central deste estudo.

Diante deste quadro, a investigação que apresentamos está centrada na busca de referências teóricas, dados e informações que permitam responder as seguintes perguntas: Como a aprendizagem da cidade acontece nas escolas de Maringá? Quais aspectos da cidade

de Maringá são explorados durante as aulas? Como as práticas dos professores de Geografia contribuem ou podem contribuir para uma compreensão crítica das cidades?

No propósito de elucidar tais questionamentos os objetivos da pesquisa são:

- Analisar, considerando a realidade da educação básica, como o ensino da cidade é praticado pelo professor de Geografia nas escolas de Maringá- PR;
- Investigar como os professores exploram a cidade de Maringá em suas aulas;
- Potencializar o ensino da cidade como conteúdo da disciplina de Geografia considerando-a, simultaneamente, conteúdo e espaço de aprendizagens;
- Contribuir para a formação de indivíduos críticos e atuantes no espaço onde vivem;
- Sugerir práticas educativas que contribuam para a compreensão da cidade de Maringá e do lugar onde vivem os alunos.

Visando alcançar os propósitos da pesquisa, o trabalho encontra-se estruturado em quatro seções. Na introdução apresentamos o tema da pesquisa, os objetivos e, brevemente, os meios selecionados para sua realização. Na primeira seção, que corresponde à revisão bibliográfica, encaminhamos discussão a respeito do tema central de nossa pesquisa: “o ensino de Geografia e a Cidade”; considerando as contribuições e discussões de vários autores acerca do tema, apresentamos os principais conceitos e idéias que norteiam o trabalho. Na segunda seção tratamos brevemente a respeito da história de Maringá, seu desenvolvimento espacial e alguns aspectos das relações sociais contidas em seu crescimento. Na terceira seção descrevemos os encaminhamentos metodológicos que presidiram a pesquisa de campo, explicitando seu cunho qualitativo e os procedimentos metodológicos utilizados em campo para a coleta de dados. Na quarta seção apresentamos as análises e discussões proporcionadas pela coleta de dados a fim de, em diálogo com os referenciais apresentados na primeira seção, contribuir para o aprofundamento da temática apresentada e concretização do valor e importância do ensino de Geografia. E finalmente o desfecho do trabalho de pesquisa com as considerações finais.

1 O ENSINO DE GEOGRAFIA E A CIDADE

As tentativas de tornar o ensino de Geografia mais atraente, acessível e socialmente relevante aos alunos da Educação Básica estão implicadas, como afirma Castellar (2005, p. 212) “[...] em mudanças de posturas, na linguagem e nas atividades de aprendizagem necessárias para que o aluno reflita sobre a realidade, a sociedade e a dinâmica do espaço”. Segundo a autora, a escola ensina a ler, escrever e contar. No entanto, frequentemente, é negligenciada a aprendizagem de saber ler o mundo.

A partir dos anos de 1980 a chamada “Geografia crítica” ou “renovada”, se preocupou em politizar o discurso geográfico e, no que tange a Geografia escolar, em fazer com que a disciplina perdesse o rótulo de matéria decorativa, herança deixada pela Geografia Tradicional. Considerando os avanços teóricos e metodológicos verificados principalmente no âmbito das universidades, culminaram inquietações sobre como o currículo escolar poderia acompanhar os avanços conquistados pela ciência geográfica. Tendo em vista os objetivos da formação geográfica escolar, *compreender o mundo a partir da análise do espaço geográfico*, buscou-se mostrar sua importância e relevância social.

A Geografia escolar, como afirma Cavalcanti (2006, p.34) “[...] representa um conjunto de instrumentos simbólicos, conceitos, categorias, teorias, dados, informações, e procedimentos sobre o espaço geográfico”. Trata-se de um conhecimento fundamental para que o aluno compreenda a realidade na qual está inserido. A Geografia Escolar e a ciência que lhe serve de referência oferecem instrumentos essenciais para a leitura, compreensão e intervenção na realidade social.

Nessa direção, Almeida (1991, p. 84-86), quando discute o que ensinar em geografia, sucinta uma condição muito relevante

[...] em geografia deve-se ensinar geografia! Mas não é tão óbvio quando não está claro que geografia ensinar. [...] Ensinar geografia implica desenvolver o mesmo método qual ela usa na construção do *conhecimento geográfico* que está em contínua transformação. Ensinar geografia significa dar conta do processo que levou à atual organização do espaço, e este é adequado à realização do trabalho, sendo modificado com a finalidade de atender essa exigência.

A questão da transposição didática em Geografia, ou seja, a transformação dos saberes acadêmicos em saberes escolares é um desafio sempre presente no âmbito da educação escolar. Toca em aspectos relevantes às diversas áreas do currículo escolar e possibilita a

reflexão sobre como o ensino de Geografia está sendo conduzido e se suas condições atuais permitem a aquisição do conhecimento geográfico pelo aluno, que como já mencionamos, consiste em *compreender o mundo a partir da leitura do espaço*.

Cavalcanti (2006, p.32) também destaca a importância do processo da transformação dos conhecimentos acadêmicos em saberes escolares e, nesse sentido, lembra que os conhecimentos da ciência geográfica estão em constante mudança, que seu objeto de estudo está em mutação. De que maneira seria possível, então, à Geografia escolar se apropriar de seus avanços?

A educação geográfica, realizada com os conhecimentos da geografia escolar, considera que os interesses, as atitudes e as necessidades individuais e coletivas dos alunos mudam em função dessa nova realidade espacial, sendo assim, não pode ficar alheios às mudanças da Geografia acadêmica. Para que os alunos entendam os espaços de sua vida cotidiana, que se tornaram extremamente complexos, é necessário que aprendam a olhar, ao mesmo tempo, para um contexto mais amplo e global, do qual todos fazem parte, e para os elementos que caracterizam e distinguem seu contexto local. Entendo que para atingir os objetivos dessa educação, deve-se levar em consideração, portanto, o local, o lugar do aluno, mas, visando propiciar a construção pelo aluno de um quadro de referências mais gerais que lhe permita fazer análises mais críticas desse lugar.

Espera-se, assim, que com as práticas e as estratégias didático-pedagógicas utilizadas no ensino de Geografia o aluno possa atribuir significados e compreender mais profundamente o que é ensinado em toda sua amplitude e complexidade. Ou seja, que os alunos construam raciocínios geográficos e que se apropriem de uma profícua *educação geográfica*.

O conceito de *educação geográfica* é fundamental aos propósitos envolvidos no ensino da cidade e está centrada na aprendizagem simultânea da e na cidade. Para Castellar (2010, p. 9) a educação geográfica é fundamental

[...] para que os alunos reconheçam a ação social e cultural de diferentes lugares, as interações entre sociedades e a dinâmica da natureza que ocorrem em momentos diferentes da história. Isso porque a vida em sociedade é dinâmica, e o espaço geográfico absorve as contradições em relação aos ritmos estabelecidos pelas inovações do campo da informação e da técnica, o que implica, de certa maneira, alterações no comportamento e na cultura da população de diferentes lugares.

A cidade, neste contexto, não deve ser entendida apenas como mais um conteúdo entre tantos outros nas aulas de Geografia, pois além de ser objeto de investigação de geógrafos, é

também o lugar onde se desenrola a vida da maioria dos alunos. Neste sentido, como afirma Castellar (2010, p. 119), “[...] a cidade passa a ser compreendida não apenas como um conteúdo geográfico, um objeto disciplinar, mas como um objeto de vivência pessoal e de ensino”.

Outro aspecto de grande importância envolvidos na aprendizagem na/da cidade e, conseqüentemente na valorização do ensino de Geografia, é a formação dos conceitos de *identidade e lugar*. Estes conceitos, como afirma Castellar (2010, p. 124) estão

[...] expressos de diferentes formas: na consciência de que somos sujeitos da história; nas relações com lugares vividos (incluindo as relações de produção); nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identificação e comparação entre valores e períodos que explicam a nossa identidade cultural.

A apropriação desses conceitos manifesta-se concretamente através da resistência local, da valorização cultural, da identificação com o lugar, de forma que esse espaço também representa a sua sociedade, a força local. Mostra-se, sobretudo, nas ruas e avenidas, nas praças e nos parques, nas escolas, nos lugares mais democráticos às manifestações tanto individuais como coletivas (Cavalcanti, 2002).

Conforme Carlos (2007, p.22) a análise do *lugar* compreende as relações sociais no domínio do vivido, passíveis de significados e sentidos. Contém a história em construção que pode ser apreendida através da memória e dos sentidos. Assim

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizatória produzindo a identidade, pois que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção da vida.

A análise do lugar permite pensarmos na discussão proposta por Yázigi (2003, p. 254) sobre o *patrimônio ambiental urbano*. Para o autor o patrimônio ambiental urbano é entendido como

[...] uma associação de conjuntos arquitetônicos com espaços e equipamentos públicos, além dos elementos naturais como vegetação, rios, topografia etc. Estamos falando de coisas físicas, antes de mais nada. Até aí, sabe-se que esses elementos existem em qualquer lugar. A diferença está na carga de valores com que se revestes. [...] O patrimônio se distingue da

banalidade por sugerir algo que mereça ser preservado devido às cargas de trabalho, apropriação e quaisquer outros valores investidos em sua elaboração.

Assim, desde uma perspectiva crítica, é necessário conhecer e valorizar o “patrimônio ambiental urbano” das diferentes cidades. O ensino de Geografia e o conteúdo “cidade” podem abrir caminhos para a “investigação da cidade”, descobrindo tais riquezas, dialogando com as distintas abordagens da cidade que possuem alunos e professores e, ao mesmo tempo, apropriando-se dos elementos que compõe este espaço. É relevante que os alunos compreendam que o ensino da cidade pode ir além do aprendizado de conceitos e conteúdos importantes da Geografia para tornar-se, também, o saber sobre “sua cidade”.

No estudo da cidade o conceito de *identidade* já mencionado pode contribuir efetivamente para a concretização da “cidade para reprodução da vida humana”. Considerando que a compreensão sobre a vida nas cidades e, logo, sobre a vida do indivíduo urbano pode resultar na ação crítica e consciente sobre seus diferentes lugares, compreendemos que o ensino de Geografia pode iluminar práticas e alimentar projetos coletivos.

O conhecimento geográfico apresenta, portanto, grandes possibilidades para que os alunos possam, considerando a análise da paisagem urbana, “ler o mundo”, entender a cidade, se identificar com ela, desenvolver sentimentos de pertença e de luta. Como afirma Carlos (1997, p. 84) a cidade também é campo de luta e “[...] nesse sentido o espaço não é apenas produzido em função das condições de reprodução do capital mas também em função das condições de reprodução da vida humana”. O conflito se encontra na relação entre o que é necessário para reprodução do capital e o que é necessário para a sociedade em geral, e, mais especificamente, para população pobre e excluída.

A cidade onde vivem alunos e professores apresenta ricos subsídios para a aprendizagem por conter elementos sociais, geográficos, culturais, ambientais e econômicos, que podem resultar em percepções diferentes da vida no espaço da cidade. Nesse sentido coloca Dolfuss (1978, p.91),

[...] a cidade revela em seus diversos elementos espaciais os contrastes econômicos e a ventilação sócio-profissional de seus habitantes. Entretanto, cada categoria, cada grupo localizado num bairro da cidade tem uma percepção própria do espaço urbano, seus próprios itinerários e seus contatos sociológicos.

A formação cultural presente na cidade confere a ela um caráter excepcional que a diferencia de outros aglomerados urbanos. A cultura materializada nas cidades possibilita a compreensão dos diferentes espaços geográficos, entendendo-se que o espaço não é homogêneo. O aluno deve, assim, como coloca Castellar (2010, p. 15),

[...] conhecer a organização do espaço geográfico não apenas como um lugar em que se encontram os objetos técnicos, transformados ou não, mas em que há também relações simbólicas e afetivas, que revelam as tradições e os costumes, indo para além de relações entre o ser humano e a natureza e, conseqüentemente, avaliando as intervenções humanas no meio físico.

Considerando o que propõe a autora para realização destes objetivos de aprendizagem, o espaço da cidade revela em um primeiro momento a sua forma, sua aparência, carregada de informações que não dizem respeito apenas a um produto histórico, mas também é a representação desses momentos, a manifestação do urbano. Como coloca Lefebvre (2001, p.91), “[...] Não há forma sem conteúdo. Não há conteúdo sem forma. Aquilo que se oferece à análise é sempre uma *unidade* entre a forma e o conteúdo. A análise rompe a unidade. Faz aparecer a pureza da forma, e a forma remete ao conteúdo”.

Nesta perspectiva, “A cidade aparece como materialidade, produto do processo de trabalho, de sua divisão técnica, mas também da divisão social” (CARLOS, 1997; p.26). Quanto ao espaço urbano, tomando por base o que diz Carlos (1994, p.84), é resultante do processo histórico, de um momento, não sendo apenas os fatores econômicos imprescindíveis para sua constituição, “[...] mas também sociais, políticos, ideológicos, jurídicos que se articulam na totalidade da formação econômica e social”. Sendo assim, o espaço urbano, ou “[...] o urbano é mais do que um modo de produzir, é também um modo de consumir, pensar, sentir, enfim, é um modo de vida”.

Nesse contexto, entendemos que a necessária sistematização dos conteúdos para os encaminhamentos didáticos não implica, necessariamente, em uma fragmentação do espaço geográfico. No processo de construção da “consciência geográfica” do aluno é preciso que se busque uma totalidade, onde tudo se intera e interage. E sendo assim, os aspectos físicos e humanos devem ser abordados juntos, de modo que, o que pareça natural para os alunos não seja alheio a eles, mas sim que digam respeito a sua vida, sendo este o espaço geográfico em que eles podem atuar. O tema cidade tem a possibilidade, portanto, de consolidar o aprendizado do meio humano e do meio físico em sua interdependência, de forma que satisfaça o princípio da não dicotomia, ou seja, a integração de um todo que interage e compõe com contradições, o espaço geográfico.

Para avançarmos e aprofundar a compreensão da importância do tema cidade no ensino de Geografia, algumas conceituações acerca da cidade se fazem necessárias. Conforme Callai, Cavalcanti e Castellar (2007, p. 93):

A cidade é uma expressão da complexidade e da diversidade da experiência dos diferentes grupos que a habitam. Seu arranjo vai sendo produzido para que cada habitante possa viver o cotidiano, compartilhando desejos, necessidades, problemas com os outros habitantes. Ela é, nesse sentido, espaço da vida coletiva, espaço público. Para viabilizar essa vida coletiva, seus gestores contam com vários agentes educativos (órgãos de planejamento, agências de segurança, de trânsito e ambientais, escolas, ONGs). Mas a cidade é, em si mesma, um *espaço educativo*. (grifo nosso)

A figura que apresentamos a seguir, elaborada por Cavalcanti (2006, p.43), sintetiza as discussões apresentadas até este momento e, ao mesmo tempo, nos permite ampliar o entendimento de cidade que aqui estamos apresentando, e que consideramos fundamental ao ensino da cidade no ensino de Geografia.

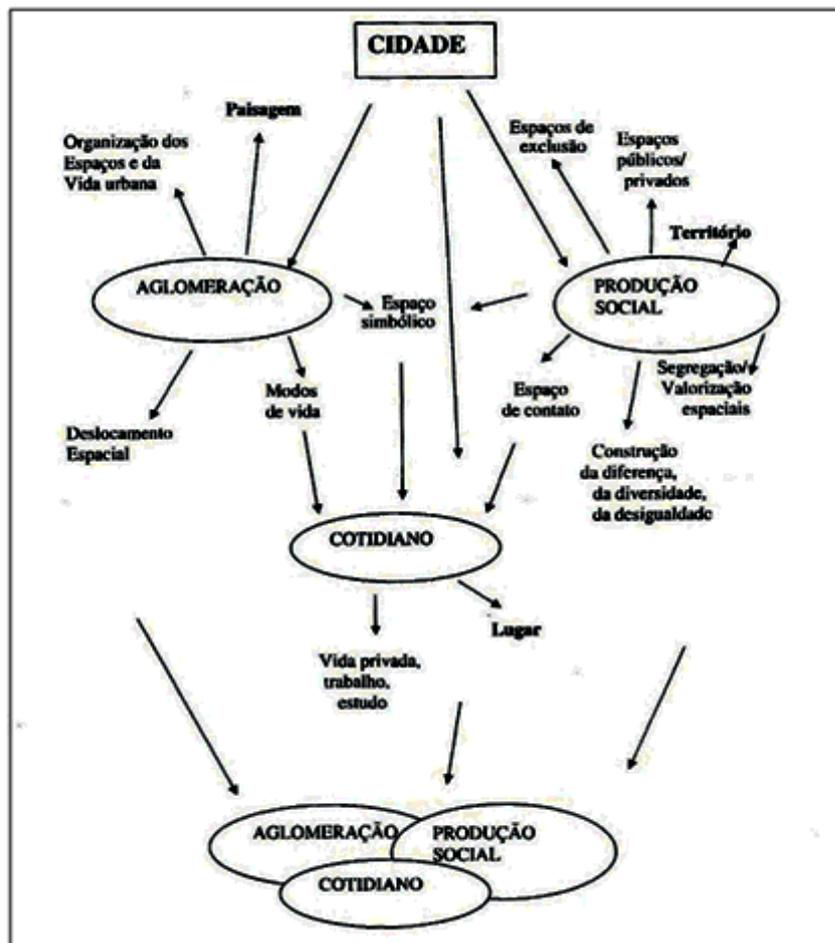


Figura 01 – Sistematização do conceito de Cidade
Fonte: Cavalcanti (2006)

A *cidade enquanto aglomeração* tem relação com o conceito de paisagem, refletindo a organização do espaço e da vida urbana, apresenta o deslocamento espacial e as diversidades através dos modos de vida e contém, também, elementos simbólicos. Nesse sentido, “[...] a paisagem geográfica é a forma exterior, a aparência “caótica”, sob qual se descortina a essência articulada e objetiva do espaço geográfico”. (CARLOS, 1997, p.38).

A *cidade enquanto produção social* tem relação com o conceito de território, corresponde ao que se pode interpretar do espaço, suas diferenças, a segregação, a valorização do solo urbano, os espaços públicos e privados, e o contato que manifesta as relações sociais.

A *cidade e o cotidiano*: tem relação com os modos de vida - o trabalho, os espaços de lazer, estudo - como também com os espaços de contato e o espaço simbólico. Assim, o cotidiano da cidade ensina através de seus diferentes espaços.

Carlos (2001, p.81) coloca que, “O primeiro aspecto que chama atenção quando se observa a paisagem urbana é o choque dos contrastes, das diferenças”. Diferenças estas, que dizem respeito à utilização que se faz da cidade, bem como das diferenças entre as mesmas utilizações. Correspondem às imagens da cidade, aos contrastes que condizem com o modo de produção do espaço e a divisão do trabalho, sendo sua manifestação o espaço urbano, que ao mesmo tempo relaciona-se com os modos de vida.

A cidade tem sua estrutura elaborada pelos objetos e suas funções e seu arranjo é constituído conforme se organiza a vida e o processo produtivo. “Todos esses elementos vão configurando a *paisagem urbana*, que é a aparência e a forma da cidade, a forma que vai sendo produzida. A paisagem, enfim, é o conjunto formado pelos objetos e sua disposição, pelos sons e odores, pelas pessoas e seus movimentos.” (CAVALCANTI, 2002).

O entendimento do conceito paisagem é, deste modo, muito importante no estudo da cidade porque pode instrumentalizar o aluno para prática de “ler o mundo”. A partir da leitura da paisagem urbana o aluno pode, considerando a mediação do professor, avançar na compreensão da dinâmica que a produz e a reproduz. Nesta proposta encontra-se a possibilidade de efetivar a teoria e sua aplicação na vivência dos alunos. Conceitualmente Santos (1999, p.84) diz:

A paisagem existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual. No espaço, as formas de que se compõe a paisagem preenchem, *no momento atual, uma função atual*, como resposta às necessidades atuais da sociedade. Tais formas nasceram sob diferentes necessidades, emanaram de sociedades sucessivas, mas só as formas mais recentes correspondem a determinação da sociedade atual.

Também para Dolfuss (1978, p.13), “A análise de uma paisagem urbana é igualmente denunciadora de sua história e de suas condições de desenvolvimento, revelando o peso do passado na organização urbana da época contemporânea”.

A paisagem é humana, tem a dimensão da história e do socialmente produzido pela vida do homem. É a expressão do trabalho social materializado, mas também é expressão de um modo de vida. A desigualdade que pode ser percebida “no olhar-se a paisagem” é consequência dos contrastes decorrentes do processo de produção do espaço urbano. As relações criam as formas e as funções que devem ser cumpridas.

Uma das idéias fundamentais que defendemos nesta pesquisa é a importância do domínio dos conceitos paisagem e espaço pelos alunos para que se viabilize a leitura e a análise do espaço urbano. É oportuna, então, a distinção que Milton Santos (1999, p.83), em sua obra, “*A natureza do espaço, técnica e tempo, razão emoção*” faz entre esses dois conceitos geográficos:

A *paisagem* se dá como um conjunto de objetos reais-concretos. Nesse sentido, a *paisagem* é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal. O *espaço* é sempre um Presente, uma construção horizontal uma construção única. Cada *paisagem* se caracteriza por uma dada distribuição de formas-objetos, providas de um conteúdo técnico específico. Já o *espaço* resulta da intrusão da sociedade nessas formas-objetos. Por isso, esses objetos não mudam de lugar, mas mudam de função, isto é, de significação, de valor sistêmico. A *paisagem* é, pois, um sistema material e, nessa condição, relativamente imutável; o *espaço* é um sistema de valores, que se transforma permanentemente. (Grifos nossos)

Da paisagem, portanto, não se pode apenas abstrair o que é concreto. É necessário ver através das formas que nelas estão contidas as relações sociais, os conflitos, o convívio, o cotidiano, o trabalho, a qualidade de vida, as desigualdades sociais, enfim, as necessidades da reprodução da vida humana. Assim, também marca através de seus traços a história de uma sociedade, o desenvolvimento da organização social no espaço e no tempo, o que remete a possibilidade de pensar esse espaço. Nesta relação, Dolfuss (1978, p. 88) coloca que

O espaço urbano é extremamente diversificado, tanto devido à localização das funções – sejam elas complementares o exclusivas – como devido à composição social da população. De maneira ainda mais evidente que o espaço rural, o espaço urbano, por ser uma obra humana, reflete a fisionomia da cidade de que é a expressão.

A paisagem da cidade ganha “vida” com a sociedade que a organiza, e que a dão função e valor, sendo esta a materialização do espaço geográfico, o espaço urbano. Segundo Santos (1999, p. 88) “Não existe dialética possível entre formas enquanto formas. Nem a rigor, entre paisagem e sociedade, esta se geografiza através dessas formas, atribuindo-lhe função que, ao longo da história, vai mudando. O espaço é a síntese, sempre provisória, entre conteúdo social e as formas espaciais”.

Para o ensino da cidade Castellar (2010, p. 128) propõem alguns enfoques que se denomina como um “*projeto educativo sobre a cidade*”. São eles: *histórico e patrimonial*, diz respeito à “dimensão cultural historicamente acumulada”, corresponde a mudança da paisagem urbana, levando em conta que a sociedade promove as mudanças no tempo e espaço; *ambiental*, a análise da cidade e as mudanças que ocorrem no meio natural, à relação da sociedade e natureza, que se podem verificar através de mudanças no meio natural; *morfológica e social*, “entendendo que o espaço urbano é dinâmico e complexo, pois é o lugar em que ocorrem os fluxos populacionais e comerciais, a produção industrial e a concentração de conflitos de interesses socioculturais e econômicos”, e o enfoque *cidadão*, que contempla a gestão da cidade e as políticas públicas.

Vemos, portanto, que o tema cidade tem grande potencial no ensino de Geografia. A análise da cidade a partir dos conceitos geográficos possibilita sua compreensão enquanto espaço de reprodução da vida humana e detentora de determinadas funções sociais e de reprodução do capital. Nesse sentido, a formação crítica do indivíduo também é viabilizada através do pensar a cidade, por meio da análise de contrastes e das diversas funções da “cidade do capital”.

É preciso ressaltar, finalmente, que para ensinar a cidade objetivando análise, compreensão e apreensão é, obviamente, de fundamental importância que esse ensino se concretize através dos trabalhos de campo, momentos em que se pode ver a materialização do que foi estudado em sala de aula.

As aulas de campo têm seu potencial indicado em inúmeros autores da área do ensino de Geografia e também é destacada nas Diretrizes curriculares do Paraná (2008, p.80):

A aula de campo é um importante encaminhamento metodológico para analisar a área em estudo (urbana ou rural), de modo que o aluno poderá diferenciar, por exemplo, paisagem de espaço geográfico. Parte-se de uma realidade local bem delimitada para investigar a sua constituição histórica e realizar comparações com os outros lugares, próximos ou distantes. Assim, a aula de campo jamais será apenas um passeio, porque terá importante papel pedagógico no ensino de Geografia.

Em aulas de campo voltadas para o estudo cidade, ao observar a paisagem, vale mais uma vez repetir, não basta apenas analisar dos objetos físicos. É preciso ver além da materialidade da cidade, a decodificação das relações sociais é de extrema importância, já que elas estão presentes no que é observado. Nesse propósito tanto o domínio de conceitos geográficos, como de conteúdos da Geografia escolar é fundamental para o estudo na/da cidade.

1.1 A CIDADE EDUCADORA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A força educadora da cidade provém das trocas e contatos sociais, como também das relações concretas e simbólicas que nela se desenrolam.

A cidade apresenta inúmeras possibilidades de ser educadora. Nesta perspectiva é válido o esquema de Gallo (2009, p. 184) sobre como a cidade ensina a partir de três dimensões.

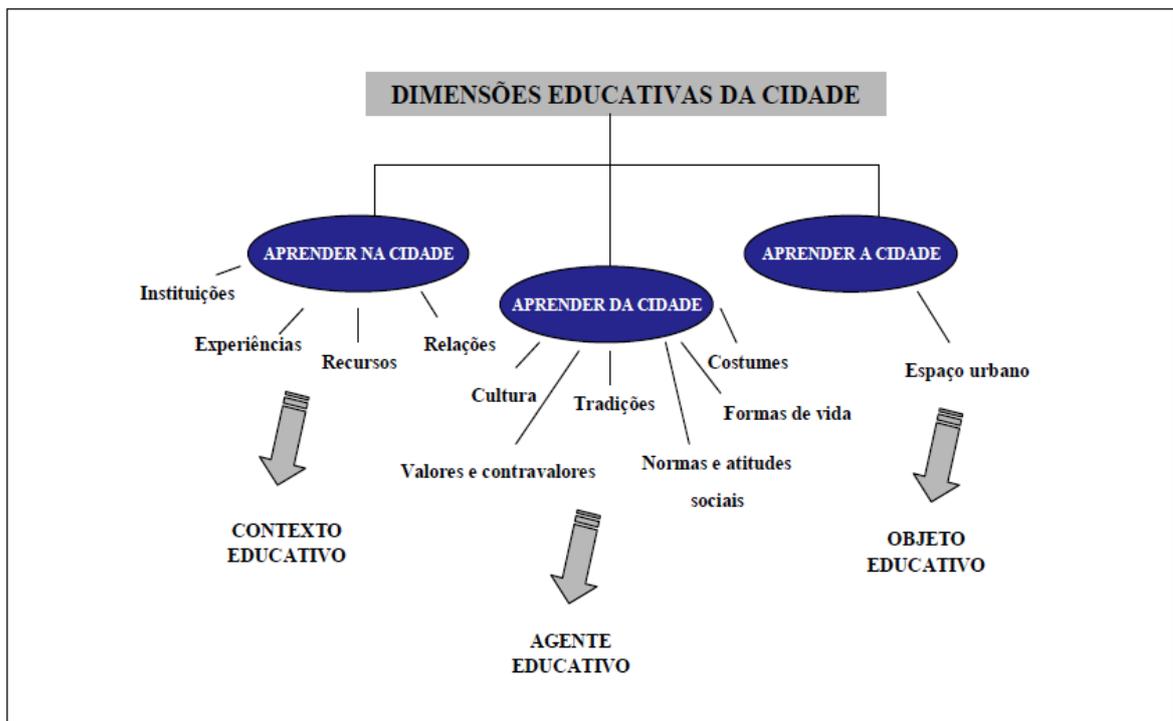


Figura 02 – As dimensões educativas da cidade
Fonte: Galo (2009).

Conforme a autora, *aprender na cidade*, diz respeito às aprendizagens não-formais realizadas em instituições tais como ONGs - Organizações Não-Governamentais, as igrejas, os sindicatos, os partidos, a mídia, as associações de bairros, museus, espaços de exposições,

entre outros. Refere-se, também, às aprendizagens realizadas em instituições formais representadas pelas escolas que têm objetivos de formação definidos. Com essas instituições de educação é possível dizer que a cidade é um espaço que contém educação, é um *contexto educativo* (SILVA, 2009, p.184).

Aprender da cidade diz respeito às aprendizagens nos espaços informais de educação: as ruas, as praças, o trabalho, a casa, as lanchonetes, as relações na comunidade, entre outros. São espaços “[...] que não tem a intenção de promover a educação, entretanto, influenciam e produzem conhecimentos, experiências, idéias, práticas, valores, ou seja, são experiências eventuais e espontâneas que influenciam na formação humana” (SILVA, 2009, p.185).

E finalmente, *aprender a cidade*, está relacionado ao processo educativo que a cidade oferece “[...] por meio de cenários educativos como escolas, museus, bibliotecas, instituições públicas e privadas, entre outros, se refere à conformação do espaço urbano como um conteúdo educativo que no dia-a-dia informa seus cidadãos” (SILVA, 2009, p.186). E como observa a autora, isso não significa o entendimento de sua complexidade e totalidade.

Segundo Bernet¹ (apud Cavalcanti, 2002, p. 48), para o ensino efetivo da cidade é necessário promover o confronto e ao mesmo tempo a combinar três imagens da cidade. A *imagem subjetiva*, “[...] que cada qual forma espontaneamente de seu meio”; diz respeito à experiência e vivência do aluno; A *imagem objetiva*, “[...] global e profunda que as próprias instituições educativas não de contribuir para configurar a partir da anterior [...]”; e, finalmente, a *imagem da cidade a construir*, “[...] uma imagem forjada com os materiais do desejo (talvez até utópicos) que possa contrastar-se com a realidade presente e orientar assim a participação para edificar uma cidade melhor e mais educadora para todos”. Nesta última imagem a idéia da produção de um indivíduo atuante no seu espaço mostra potencial e o conceito de cidadania pode ser largamente explorado.

Nesse sentido coloca Cabezero (1997, p.47), a cidade tem possibilidades de ser educadora e que não apenas o ensino formal e institucionalizado deve cumprir esta tarefa.

La perspectiva de ciudad educadora como marco conceptual de trabajo supera los planteamientos realizados únicamente desde la óptica de la educación formal y, más concretamente, desde el campo del sistema educativo. El ámbito urbano presenta gran diversidad de recursos. En el los roles educativos son más versátiles e intercambiables y las experiencias posibles, diversas y renovadas. En este espacio se genera una acción integral y permanente a través de las escuelas, museos y bibliotecas; se impulsa La formación estética con su propia arquitectura, muestras y espectáculos; se

¹ BERNET, Trilla Jaume. Ciudades Educadoras: bases conceptuales. In: ZAINKO, Maria A. S. (org) **Ciudades Educadoras**. Curitiba: UFPR, 1997. p. 34.

brindan espacios para la utilización creativa del tiempo libre con sus plazas, parques y polideportivos; se promueve la educación cívica a través de las instituciones democráticas, etc.

Na *Carta de Ciudades Educadoras* resultante do VIII Congresso Internacional de Ciudades Educadoras, que ocorreu Gênova no ano de 2004, está delineado os compromissos que as cidades educadoras devem ter em seus propósitos.

[...] esta función son de orden social, económico y político; orientadas, sobre todo, a un proyecto cultural y formativo eficiente y convivencial. Estos son los grandes retos del siglo XXI: en primer lugar, "invertir" en la educación, en cada persona, de manera que ésta sea cada vez más capaz de expresar, afirmar y desarrollar su propio potencial humano, con su singularidad, creatividad y responsabilidad. En segundo lugar, promover condiciones de plena igualdad para que todos puedan sentirse respetados y ser respetuosos, capaces de diálogo. Y, en tercer lugar, conjugar todos los factores posibles para que pueda construirse, ciudad a ciudad, una verdadera sociedad del conocimiento sin exclusiones, para lo que hay que prever, entre otras necesidades, un acceso fácil de toda la población a las tecnologías de la información y de las comunicaciones que permiten su desarrollo.

O debate sobre a cidade educadora é, de nosso ponto de vista, proeminente e se apresenta como um desafio aos objetivos vinculados tanto à gestão democrática da cidade, quanto ao ensino de Geografia. Para que esse projeto se concretize, entretanto, compete a toda sociedade conhecer esta função e galgar o potencial que tem a cidade quando é educadora.

1.2 A CIDADE, A CIDADANIA E O ENSINO DE GEOGRAFIA

O ensino de Geografia contribuirá para o desenvolvimento da cidadania na medida em que o conhecimento sobre a cidade seja “palpável”, em que o conhecimento sobre ela traga ao indivíduo um sentimento de pertença, fortalecendo a prática de participação em decisões importantes na cidade, para sua vida e seu cotidiano. Conforme Cavalcanti (2002, p.47) a sua contribuição ocorre “[...] através de práticas de construção e reconstrução de conhecimentos, habilidades, valores que ampliam a capacidade de crianças e jovens compreenderem o mundo em que vivem e atuam”.

Carlos (1997, p. 83), todavia, alerta sobre a importância de pensar o processo de construção do espaço e de como ele não se identifica com os indivíduos. Sendo característico o seu papel na produção da acumulação do capital.

[...] o homem produz um mundo com o qual parece não se identificar. O espaço que ele produz, no processo de reprodução de sua vida, aparece como algo externo a ele. O espaço é produzido cada vez mais enquanto condição geral da produção e o Estado tem um papel fundamental para a reprodução do sistema.

Neste sentido, Santos (1987, p.81), mostra como os diversos arranjos espaciais que compõe o território influenciam e até qualificam o dia a dia dos seres humanos. Como, por exemplo, a localização do indivíduo no espaço e as características geográficas do lugar onde reside podem facilitar ou dificultar o exercício da cidadania que aqui estamos tratando? O autor observa:

Cada homem vale pelo lugar onde está: o seu valor como produtor, consumidor, cidadão, depende de sua localização no território. Seu valor vai mudando, incessantemente, para melhor ou para pior, em função das diferenças de acessibilidade (tempo, frequência, preço), independentes de sua própria condição. Pessoas, com as mesmas virtualidades, a mesma formação, até mesmo o mesmo salário têm valor diferente segundo o lugar em que vivem: as oportunidades não são as mesmas. Por isso a possibilidade de ser mais ou menos cidadão depende, em larga proporção, do ponto do território onde se está. Enquanto *um lugar* vem a ser condição de sua pobreza, *um outro lugar* poderia, no mesmo momento histórico, facilitar o acesso àqueles bens e serviços que lhe são teoricamente devidos, mas que, de fato, lhe faltam.

Desde o século XIX a vida humana passou a ser, progressivamente, organizada no espaço urbano; logo, pensar a vida nas cidades num processo que possibilita o conhecimento e, em destaque, o conhecimento geográfico para uma cidadania “autêntica” oriunda de uma formação necessária para ocupar os lugares da cidade se faz necessário. Nesse sentido, Cavalcanti (2002, p.49) coloca que “A luta pelo direito à cidade, aos seus lugares, ao consumo mais autônomo e consciente de seus lugares e objetos, ao ambiente, é, assim, um exercício de cidadania”.

No propósito de poder participar de todos os lugares da cidade, uma condição da vida na cidade é a mobilidade, elemento que compreende a dinâmica interna da cidade. O direito de ir e vir no seu mais simples entendimento considera a necessidade das pessoas circularem pela cidade, para participar individual e coletivamente de sua produção.

Spósito (1996, p. 33-35), quando aborda como a vida circula nas cidades, contempla, por exemplo, o papel do transporte e principalmente, do transporte coletivo:

Quando consideramos apenas as pessoas, elas estão circulando para se deslocar de casa para o trabalho, para a escola ou para o lazer. Sobre as

metrópoles, onde a aglomeração de veículos nas ruas provoca um deslocamento lento, podemos dizer que as pessoas têm mais trabalho para circular quanto, na realidade, deveriam circular com facilidade [...]. Um sistema de transporte afeta todos que vivem na cidade e deve ser encarado como um sistema dinâmico, em constante aperfeiçoamento, suas modificação deve levar em consideração a opinião de todos interessados.

Esse aspecto evidencia o propósito de atuar no espaço da cidade, em consolidar as necessidades dos cidadãos da cidade, nos quais os serviços, infra-estrutura, equipamentos urbanos devem ser considerados na perspectiva da reprodução com qualidade de vida do indivíduo e da coletividade na cidade.

Na paisagem estão expressos os lugares públicos e privados, o espaço dos “incluídos e excluídos”, pela sua interpretação é possível encontrar os aspectos afetivos e estéticos aos quais os indivíduos têm relação, ou não, no caso dos espaços não permitidos.

É preciso morar! Se valendo da afirmativa de Spósito (1996, p.57) “[...] para viver, temos que nos localizar em algum lugar, em alguma parcela do território”. O modo como as pessoas se inserem no processo produtivo é refletido na paisagem urbana. Do mesmo modo, Calvalcanti (2002), enfatiza que a cidade é para crianças e jovens que por ela circulam, em primeiro lugar, a sua morada, o seu abrigo, tal aspecto afetivo vincula-se como prioridade da formação cidadã da vida urbana.

O direito de habitar é mais do que de morar, é morar bem, freqüentar a cidade, morar com dignidade, ter acesso aos bens da cidade, poder exercer seu modo de vida, ter o direito de produzir cultura, construir identidades. (CAVALCANTI, 2002, p.57).

Assim, práticas de observação e análise das moradias da cidade, aliado à valorização do cotidiano do aluno servem de estrutura para “[...] extrair elementos para a introdução de aspectos mais estruturantes da moradia, como a lógica da propriedade privada do solo, o processo de valorização do solo urbano, a história da política habitacional no país, o processo de segregação urbana” (CAVALCANTI, 2002, p.57).

Em suma, como coloca Carlos (1994, p. 95), “As contradições sociais emergem, na paisagem, em toda sua plenitude, pois aqui os contrastes e as desigualdades de renda afloram, já que o acesso a um pedaço de terra, o tamanho, o tipo material de construção vão espelhar mais nitidamente as diferenciações de classe”.

O valor do solo urbano dentro da lógica de mercado tem seu preço caracterizado por estar vinculado aos meios de consumo coletivo, como escolas, áreas verdes, hospitais, área de lazer, centro de compras, assim como a infra-estrutura, energia, saneamento, transportes,

telefone e outros. Tal lógica é contraditória, se pensarmos que os indivíduos que deve ter o direito à cidade são os “não donos” da cidade, e justamente necessitam dos equipamentos e bens coletivos urbanos, que por sua vez, valorizam o solo urbano, dificultando o acesso a ele.

Tais aspectos remetem-se a necessidade de reprodução da vida humana, contudo a questão das classes sociais é expressa espacialmente nos espaços dos “incluídos” e “excluídos”.

[...] a discussão do valor do espaço nos remete à idéia do espaço-mercadoria, e à forma através da qual o espaço apropriado aparecerá como propriedade de alguém. Trabalhar com a forma de propriedade territorial significa estudar o caráter geral das relações espaciais de produção e monopólio de certas pessoas que está pressuposto na propriedade e que dá a elas o direito de dispor de determinadas parcelas do espaço geográfico como esferas privadas, excluindo os demais membros da sociedade e determinando como tal parcela será utilizada e qual classe social que irá desfrutá-la (CARLOS, 1997, p. 47).

Na cidade os donos dos espaços privados definem o valor do solo urbano, lhe designam função e a quem irá servir. A moradia na cidade e a reprodução urbana estão vinculadas à integração de novas terras, e é concomitante ao processo de segregação. Muitos são os usos do solo, mas necessariamente corresponde ao uso enquanto meio de produção, uso para manutenção da vida nas cidades e, quando ocorre o processo de valorização passa ser um produto para a economia, caracterizada como privado (CARLOS, 1997)

O que é necessário colocar em discussão (e o ensino de Geografia tem aqui um papel especial) é a importância de garantir a todos o direito de morar, de circular e de participar dos lugares na/da cidade; enfim, de garantir a todos o *direito à cidade*.

Reconhecendo a complexidade dos processos que permeiam o espaço da cidade, e afirmando a premissa de garantir o cumprimento da função social da cidade, assim os projetos educacionais baseados na formação de alunos críticos e atuantes, se reveste de grande importância. É necessário assegurar, especificamente para os trabalhadores da cidade, os bens necessários a vida urbana, como moradia, infra-estruturas, educação, lazer, cultura, saúde, acesso a defensoria entre outros. Enfim, como afirma Bueno (2007, p. 13) “[...] a concretização do direito à cidade e à moradia passa pelo acesso concreto ao lugar, à terra urbanizada e a bairros com serviços e acessibilidade”.

2 A CIDADE DE MARINGÁ: UM BREVE HISTÓRICO

A cidade de Maringá encontra-se no Norte do Paraná, respectivamente, na latitude $23^{\circ}25' S$ e longitude de $51^{\circ}57' W$, limita-se ao norte pelas cidades de Ângulo e Mandaguaçu, ao sul por Floresta, Ivatuba e Marialva, a oeste por Mandaguaçu e Paçandu, a leste por Sarandi e Marialva, e a nordeste por Iguaraçu e Astorga, com altitude entre 500 e 600 metros em relação ao nível do mar. Oficialmente, o núcleo urbano de Maringá foi fundado em 10 de maio de 1947, como distrito de Mandaguari, e foi elevada a Município em 14 de fevereiro de 1951, com os distritos de Iguatemi, Floriano e Ivatuba.

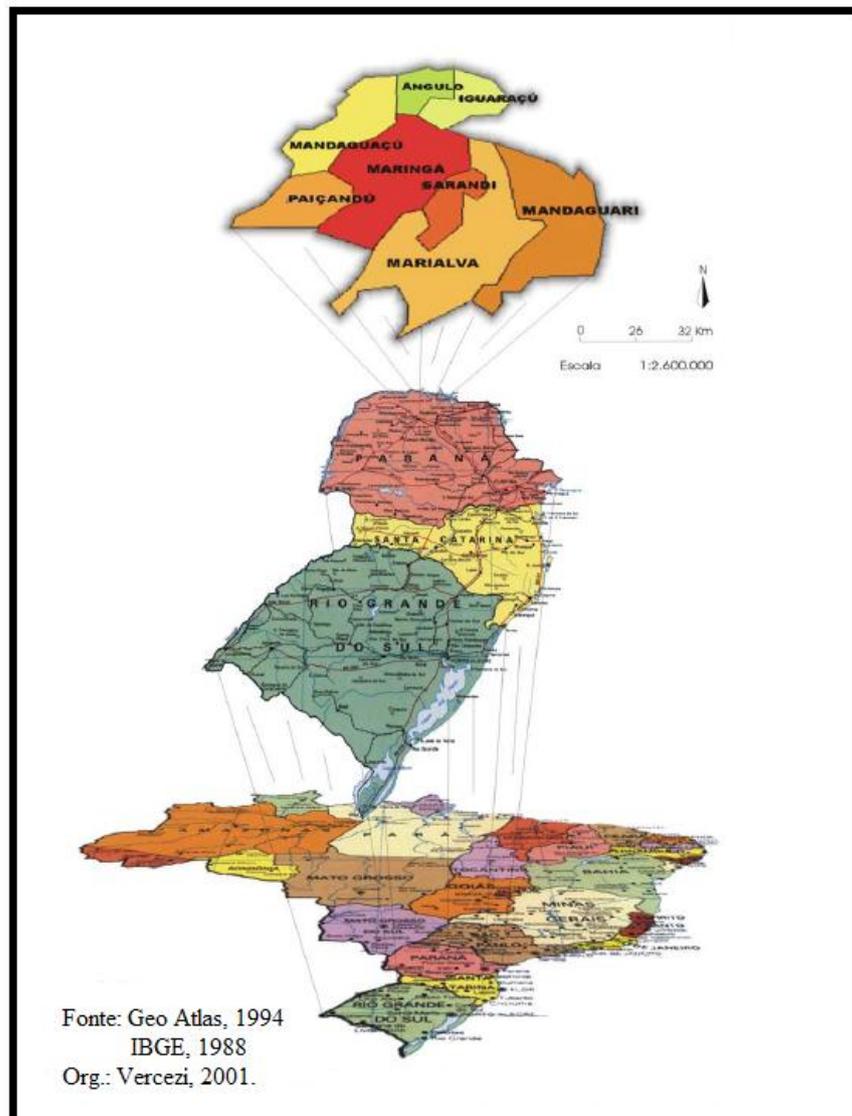


Figura 03- Localização do Município de Maringá

O município abrange terras das bacias hidrográficas do rio Pirapó e do rio Ivaí, estendendo-se sobre o espigão divisor de águas, que corresponde a Avenida Colombo, no sentido leste-oeste. O Trópico de Capricórnio também passa pela cidade.

O clima predominantemente da cidade é o subtropical, as temperaturas médias anuais variam de 20 – 21°C, podendo chegar aos meses de verão aproximadamente a 30°C e nos meses de inverno próximo de 8°C, com verões chuvosos e invernos secos.

O processo de colonização do Norte do Paraná teve início no princípio do século XX, através de fazendeiros mineiros e paulistas, com intuito de desbravar novas terras para o plantio de café.

A empresa colonizadora de origem britânica, a *Paraná Plantations Company*, através de sua subsidiária, a Companhia de Terras Norte do Paraná, tendo conhecimento do potencial das novas terras para plantio de café, adquiriu do Governo do Estado e de vários posseiros uma gleba de 515.000 alqueires, constituindo o Norte Novo.

Em 1939 a Inglaterra passou a vender seus investimentos estrangeiros e um grupo de brasileiros adquiriu a Companhia de Terras, que passou a denominar Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. Esta nova estrutura contando com mais de 30 mil alqueires de terras passaram a ser denominada Norte Novíssimo.

Como coloca Moro (2003, p. 49), “A cidade de Maringá, atualmente importante pólo regional, traduz, no tempo e no espaço, o sucesso do empreendimento colonizador, realizado pela Cia. Melhoramentos do Norte do Paraná e sua antecessora Cia. de Terras Norte do Paraná”.

A expansão da atividade cafeeira deve-se ao crescimento do mercado internacional do café, com sua valorização. As características geográficas da região foram favoráveis a essa agricultura, com solos férteis e clima adequado.

Maringá posicionada na área central do projeto idealizado pela colonizadora, logo assumiu uma posição de destaque, sendo responsável pelo abastecimento urbano e rural de gêneros de consumo e de serviço. O espaço rural abrigava milhares de famílias que exerciam atividades de produção de gêneros diversos, e neste momento apresentava-se como promissor.

O plano urbanístico de Maringá foi previamente estabelecido. As ruas, as praças e as avenidas foram demarcadas, considerando ao máximo as características topográficas do sítio escolhido e respeitando a proteção de áreas verdes e vegetação nativa. Segundo, Luz (1999, p.123):

O local onde está situada Maringá, a 127 km de Londrina, é bastante adequado para a ereção de uma cidade de médio ou grande porte. Fica no centro geométrico da zona colonizada pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná e conta com vias de comunicação que a põem em contato com outras duas regiões do estado de São Paulo. Por suas condições naturais, tais como localização geográfica, topografia e clima favorável, esse terreno foi escolhido para a construção de um dos mais importantes centros urbanos do Norte do Paraná.

O projeto urbanístico foi encomendado em 1943, e sem vir para a região, Jorge de Macedo finalizou o traçado da cidade em 1945. “Com os dados indispensáveis sobre topografia, o clima e a vegetação da região, que lhe foram fornecidas pela Companhia, o referido urbanista planejou Maringá de acordo com a mais avançada concepção de cidade existente na época” (LUZ, 1999; p. 135).

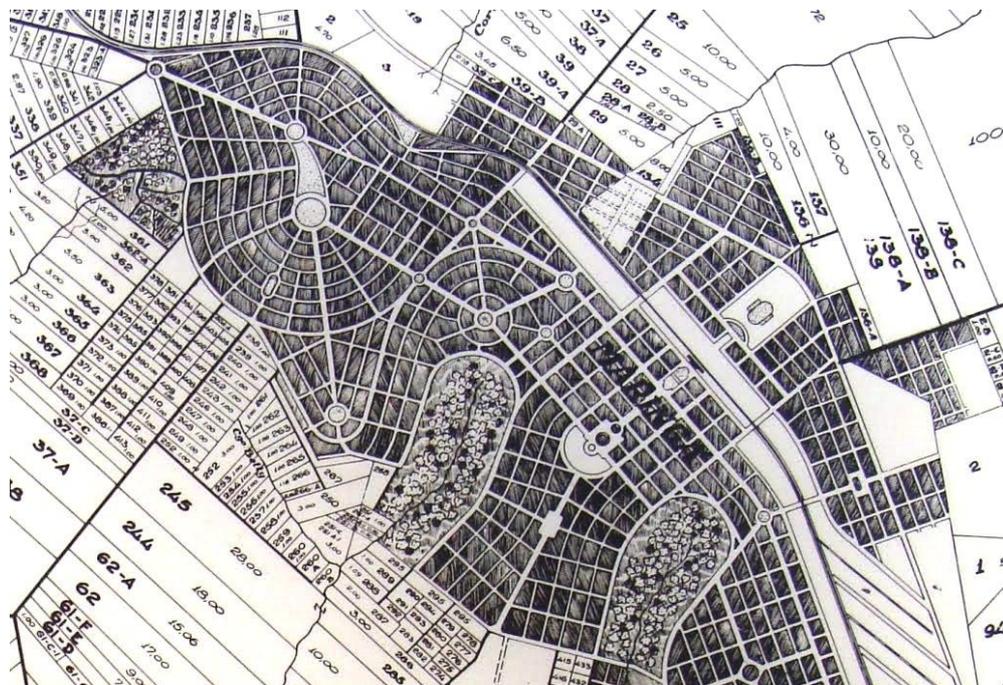


Figura 04 - Mapa de Maringá elaborado por Jorge de Macedo Vieira em 1945
 Fonte: Maringá histórica. Disponível em <http://maringahistorica.blogspot.com>. Acessado 15/06/2011.

Conforme Moro (2003, p. 52), “O projeto se identificava com as diretrizes das “Cidades Jardins” e da “Carta de Atenas”. Este contemplava a cidade com amplos espaços abertos, largas avenidas, com rótulas viárias para amortização do tráfego, ruas com largos passeios e quatro bosques no quadro urbano”.

A Companhia de Terras Norte do Paraná levou aproximadamente dois anos para ajustar as vias da área plana, denominada então como "Maringá Novo".

A expansão de Maringá se deu em decorrência do surto cafeeiro que se criou nessa região do Estado. Como destaca Mendes (1992), Maringá foi extremamente dependente dos recursos financeiros da transição do café para a agroindústria, no que tange acumulação de capital necessário para o crescimento e formação da estrutura urbana. A partir dos recursos provindos desta transição, foi possível “financiar” a construção da cidade, além de que, o ciclo agroindustrial da região possibilitou a vinda de diversas massas populacionais oriundas de distintos estados brasileiros, o que acarretou de forma significativa em um povoamento posterior da cidade maringaense.

O aumento da produção atraiu ainda mais imigrantes para a região. Através da dinâmica da expansão cafeeira e pelas condições favoráveis, a cidade cresceu rapidamente.

Com desenvolvimento da tecnologia em todos os campos de atividades, a mão-de-obra rural sofreu, aos poucos, um processo de substituição pelos serviços mecânicos. Esse processo gradativamente acentuou o êxodo rural, contribuindo para o adensamento da população urbana (GARCIA, 2006).

A cidade foi projetada para abrigar uma população de 200.000 habitantes em um prazo de cinquenta anos. E no ano 2000, de acordo com o Censo demográfico, a população do município se encontrava com 288.653 habitantes (IBGE, 2003), e de acordo com o Censo demográfico de 2010, essa população subiu para 349.860 habitantes (IBGE, 2010).

2.1 EXPANSÃO URBANA DA CIDADE DE MARINGÁ

Assim como a expansão da frente paulista cafeeira para o norte paranaense, na cidade de Maringá também ocorreu o processo de expansão urbana.

As primeiras áreas povoadas foram às zonas residenciais 02, 03, correspondente a Vila Operária, as zonas 04, 07 e a zona 01, zona central comercial. Ao norte a ocupação entendeu-se até a Av. Colombo, ao sul até a zona 02 já mencionada, até a Av. Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

As empresas agroindustriais localizavam-se ao longo do eixo férreo no quadrante noroeste, com seus armazéns e terminais de transportes. Entre a Av. Brasil e a via férrea, localizavam-se grandes empresas atacadistas, como cerealistas, armazéns de depósito de café e maquinistas de café.

Na região oeste urbana, precisamente na extremidade da Av. Brasil concentrava-se o comércio cerealista de recepção e compra da produção agrícola regional, que destaca a cidade pela distribuição comercial nacional.

A localização do pátio da manobra e da linha férrea impediu por muito tempo o crescimento do núcleo central urbano de Maringá. Logo, a principal avenida da cidade a Av. Brasil, orientada no sentido leste-oeste, se constitui como a principal via comercial de Maringá. E segundo Moro (2003, p. 54),

[...] Nela, a partir da zona central ou núcleo central comercial, estabeleceram-se, escalonadamente, os mais diversos tipos de estabelecimentos comerciais. Estes eram identificados pelos bancos, escritórios de profissionais liberais, lojas de confecção e calçados, lojas de bens de consumo duráveis, revenda de automóveis, armazéns de secos e molhados, oficinas diversas, lojas de produtos agropecuários. Lojas de materiais de construção, oficinas de consertos e pinturas de veículos, dentre outros.

Nos anos 1960 o Brasil consolidou as bases de sua industrialização e a modernização da agricultura. A cidade de Maringá situado no centro da atividade cafeeira também sofreu mudanças, com a modernização agrícola houve mudanças socioeconômicas relevantes.

Com o desfecho da agricultura mercantilizada voltada para exportação e o começo da agricultura moderna capitalista com o uso da tecnologia e insumos direcionados a agroindústria; como também os danos causados pela geadas; a desestabilização do mercado cafeeiro; contribuíram tanto para o novo ciclo econômico agroindustrial de grãos como para o êxodo rural. Nessa transição que ocorre até 1980, o processo de êxodo rural é predominante e traz marcas na expansão urbana.

Assim, Maringá se definia como pólo agroindustrial e seu perímetro urbano era povoado, novos loteamentos foram realizados para atender a demanda do campo. “A zona rural regional, portanto, em pouco tempo, transformou-se num expressivo mercado de grandes dimensões, abrindo às cidades um universo de novas possibilidades, além da ampliação das já existentes” (MORO, 2003; p.59).

Assim, as cidades norte - paranaenses abrigaram milhares de pessoas vindas da área rural. O aumento da população urbana de Maringá fora notável:

Tabela 01: População urbana e rural de Maringá

	1950	%	1960	%	1970	%	1980	%	1991	%	2000	%
U	7.270	18,84	47.592	45,71	100.100	82,47	160.645	95,51	233.732	97,41	283.978	98,38
R	31318	81,16	56.639	54,29	21.274	18,53	7.549	4,49	6.198	2,59	4.675	1,62
T	38.588	100	104.231	100	121.374	100	168.194	100	239.+930	100	288.653	100

Fonte: Censo Demográfico de 1950, 1960, 1970, 1980, 1991(contagem da população) e 2000.

Organização: Costa, 2001 apud Moro, 2003.

O planejamento inicial da cidade não previa tão enorme aumento da população, assim as estruturas urbanas não estavam prontas para atender a população, dos novos loteamentos nem todos estavam contidos no projeto da cidade, muitos foram estruturados em áreas desconexas com o sistema viário. Foram necessárias a ampliação da rede de água potável, de energia e esgoto.

E na década de 1960, a cidade ultrapassava os limites da malha urbana norte da cidade concebido no plano original. Os loteamentos já não obedeciam aos padrões urbanísticos implantado pela empresa colonizadora. Na zona sul da cidade o crescimento fora reprimido, por se localizar o frigorífico nessa área.

Na década de 1970 ocorreu o aumento de loteamentos devido à demanda por moradias, com a implantação de nove conjuntos habitacionais e cinquenta e quatro loteamentos. Assim, nesse período com recursos do Banco Nacional de Habitação ocorre um processo de modernização urbana, com a ampliação de ruas e avenidas, o capeamento asfáltico, com o remodelamento do aeroporto, com a conclusão da perimetral sul, o viaduto da Avenida Tuiuti sob a Avenida Colombo. A Universidade Estadual de Maringá também é implantada nessa década.

Também iniciou a construção do Paço municipal, que terminou nos fins dos anos 1980 e do Complexo esportivo, correspondendo ao estádio de futebol e o ginásio esportivo.

Com a intensificação dos “corredores de exportação”, do sistema viário regional e estadual, a ligação da cidade com a metrópole paulistana se enfraqueceu, dando lugar ao fortalecimento com a metrópole curitibana e o Porto de Paranaguá.

A produção do campo favoreceu o avanço da agroindústria, passando a ser o principal segmento produtivo da cidade. Algumas cooperativas ingressaram nessa atividade e conquistou papel de destaque, como no caso da Coamo de Campo Mourão e Cocamar de Maringá.

Este novo papel das cidades neste setor da economia proporcionou a intensificação da divisão do trabalho, isso com o emprego da tecnologia, aprimorando as atividades urbanas e formação da centralização urbana de Maringá.

O centro tradicional da cidade expandiu a leste até a Avenida São Paulo e a Oeste na Avenida Paraná. Na zona 04 concentraram-se os equipamentos médico hospitalar, novos loteamentos e conjuntos habitacionais proliferaram. A expansão continuou em todas as direções da cidade e principalmente na área norte, onde áreas extensas de fazendas são aglutinadas a malha urbana.

As relações cidade e campo se tornam mais complexas, e as estruturas voltadas para produção do café vai se desestruturando, conseqüentemente, as pessoas ligadas ao setor mudam de função.

Na década de 1980, é possível conforme Moro (2003) identificar um segundo padrão de desenvolvimento, caracterizado por avanços no setor agroindustrial. Assim, esse processo também é viabilizado pela procura da “capacidade potencial da agricultura da região”. Cabendo também ao produtor rural incorporar as mudanças causadas por esse processo de produção.

As relações cidade-campo se alteram, a agricultura soma-se ao processo de industrialização, e o êxodo rural contínua nas últimas duas décadas do século, como se vê (tabela 01), durante esse período (1980-1990) houve um aumento de 123.000 habitantes na cidade.

As cidades pólos regionais neste contexto, já abrigam novas funções, intensificando a divisão do trabalho, logo, as cidades tem maior riquezas e complexidade. Na cidade de Maringá, o poder polarizador é caracterizado pelo grande aumento da população, muito embora se verificou o aumento das cidades vizinhas, Sarandi e Paçandu, que por muitos motivos, sendo mais acessível o custo de vida urbana, fora viabilizado o espaço para moradia de muitos habitantes nessas cidades.

A malha urbana da cidade é constituída, com mais loteamentos, avenidas axiais e no âmbito regional, as articulações com as cidades como Sarandi, Astorga, Paicandú, Mandaguaçu e Floresta são estruturadas.

A expansão urbana nesse período expande-se na direção sul da cidade, abrangendo as Avenidas Gastão Vidigal, Cerro Azul e Carlos Borges; sobretudo com a desativação do frigorífico e das lagoas de tratamento. A expansão em 1990 é pronunciada; ao norte, ao longo do prolongamento das Avenidas Guaiapó, Tuiuti, Pedro Taques e Mandacarú.

Mesmo sendo evidente a ocupação no sentido das avenidas de articulação com os bairros, também é notório o povoamento nas avenidas de articulação intramunicipais, caracterizando o processo de conurbação, como no caso de Maringá-Sarandi e Maringá-Paiçandú. Assim, também as relações e articulação econômicas entre essas cidades são intensificadas.

O processo de verticalização da cidade de Maringá é acelerado em meados da década 1980, isto por conta da crise econômica e as crescentes taxas de inflação levam ao capital investir em imóveis, ativos fixos. Esse processo alterou a paisagem urbana, muitos edifícios com mais de quatro pavimentos foram construídos.

Esse processo foi evidente na zona 01 de Maringá, a tradicional zona central comercial da cidade, com 174 empreendimentos; responsável por abrigar as atividades administrativas, comerciais, religiosa, financeira, cultural e de consumo e lazer; depois a zona 07 com 361; caracterizada por ser uma zona residencial contígua a zona central e por próximo a Universidade Estadual de Maringá pólo educacional que atrai a população ao seu redor; a zona 04 com 59, a zona 27 com 50 e a zona 03 com 47 (MORO, 2003; p. 70).

A partir da década de 1990, o que ocorre é o processo de expansão urbana, caracterizado por novos loteamentos e os condomínios residenciais. Assim, as áreas de cinturão verdes são valorizadas por serem oportunizadas como nova forma de morar, e na zona sul de Maringá esta mudança é pronunciada.

Nesse momento a zona central de Maringá também passa por mudanças, caracterizada pela sua expansão até a Praça Rocha Pombo a leste, a Av. José Bonifácio a oeste, e ao longo da Av. Brasil. O comércio de bens duráveis também expande espacialmente até as Avenidas Duque de Caxias e São Paulo, e logo, lojas tradicionais da cidade são substituídas por grupos estruturados e capitalizados que atuam na escala nacional.

A área da cidade que abriga as atividades médicas-hospitalares e clínicas laboratoriais, correspondente à zona 04, expande-se em direção ao centro urbano, e áreas que antes tinha a função residencial são absorvidas, compreendendo a Av. Brasil, Paraná, Tiradentes e Rio Branco. Sendo possível distinguir no final da década três áreas de concentrados dos equipamentos médicos-hospitalares, o primeiro na zona 04, o segundo na Avenida Dr. Luis Teixeira Mendes e a terceira na Avenida Santos Dumont.

No âmbito dos serviços públicos, nesta década foi implantado o Hospital universitário, cujo responsável é a Universidade Estadual de Maringá e o Hospital Regional implantado em 2001. Esta função médico-hospitalar também agrega potencial na centralização regional de Maringá.

A atividade comercial de Maringá procura as condições favoráveis para a reprodução do capital, e sua organização espacial pode ser identificada pelas ruas de comércios e serviços especializados, pelos eixos viários de comércio, pelos subcentros comerciais e pelos *Shoppings Center* (Corrêa, 1989 apud Moro, 2003)

Os subcentros emergem ao longo dos eixos viários, à medida que a expansão urbana se desloca no sentido centro-bairro a população dessas áreas cresce, o comércio passa a ter condições de reprodução. Os subcentros configuram-se como um processo de descentralização das atividades comerciais e de prestação de serviços do núcleo central da cidade.

No projeto inicial da cidade, o comércio de prestação de serviços encontrava-se na zona central da cidade, com a expansão do núcleo urbano os empresários buscaram vantagens locais. Assim, a paisagem urbana é caracterizada pelas áreas de comércios especializados. Exemplos desse processo é o setor especializado em máquinas de costura e aviamentos concentrado na Rua Joubert de Carvalho, entre as Avenidas Paraná de Duque de Caxias; na Av. Mauá encontra-se o comércio especializado em bicicletas, acessórios e serviços conexos.

Contudo, esta forma de ampliação da espacialização comercial pode ser observada nas Avenidas Mandacarú, Pedro Taques, Tuiuti, Guaiapó no setor norte da cidade, e no setor sul as Avenidas Dr. Gastão Vidigal, Cerro Azul, Dr. Luis Teixeira Mendes e Carlos Borges Correia.

3 A PESQUISA DE CAMPO: ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa, como que aqui apresentamos, está centrada na investigação de como o conteúdo “cidade” é trabalhado por professores de Geografia nas escolas públicas de Ensino Fundamental e Médio na cidade de Maringá-Paraná. Optamos, neste contexto, considerando seus propósitos, por uma *abordagem qualitativa* de nosso objeto de estudo. Mais detalhadamente, buscamos compreender como os professores de Geografia desenvolvem práticas pedagógicas voltadas à aprendizagem do conteúdo cidade, suas compreensões, suas estratégias, etc.

Para Godoy (2002 apud Goldenberg, 2005; p.81) “O estudo qualitativo básico tem como objetivo descobrir e compreender um fenômeno, um processo, ou as perspectivas e visão de mundo das pessoas nele envolvidas”. Assim, como afirmam Lüdke e André (1986, p. 12), nos estudos qualitativos

Há sempre uma tentativa de capturar a “perspectiva dos participantes”, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas. Ao considerar os diferentes pontos de vista dos participantes, os estudos qualitativos permitem iluminar o dinamismo interno das situações, geralmente inacessíveis ao observador externo.

A partir da adoção deste referencial, acreditamos ser possível “abrir leque” às diversas concepções e formas que os professores participantes dessa investigação utilizam quando trabalham o conteúdo cidade com os alunos. Nesse intuito, não pretendemos fornecer dados estatísticos e números, já que nosso universo de pesquisa é relativamente pequeno. Portanto, dentro de uma perspectiva qualitativa, não pretendemos realizar uma pesquisa censitária, mas estamos, fundamentalmente, interessados em captar as estratégias dos professores envolvidos na pesquisa em trabalhar com o conteúdo cidade em suas aulas e, particularmente, com aspectos relativos à cidade de Maringá. Em suma, não há interesse de quantificar o fenômeno, mas fundamentalmente, tentar investigar mais profundamente, as estratégias, os métodos, os valores, as motivações dos professores no trato do conteúdo cidade em sala de aula.

Nesse processo não é de intenção do pesquisador se manter neutro no desenvolvimento da pesquisa, sendo um mero observador. Assim, com base Lüdke e André (1986, p. 18-20), o pesquisador deve estar atento a novos elementos que pode surgir no desenrolar da investigação; compreender o contexto no qual a problemática da investigação constitui; revelar a multiplicidade das dimensões presentes; relatar suas experiências no

processo de produção da pesquisa; representar as diferentes opiniões, que às vezes são conflitantes e também seu próprio ponto de vista.

A coleta de dados foi possibilitada por meio do uso dos instrumentos de pesquisa: questionário e entrevistas, que por sua vez, foram viabilizadas pela participação de professores da rede pública de ensino da cidade de Maringá.

Conforme Goldenberg (2005, p.86-88), as entrevistas e questionários podem ser estruturados de diferentes maneiras, podendo ser padronizados onde é facilitada a comparação. Neste caso, optou-se por perguntas “[...] abertas: resposta livre, não-delimitada por alternativas apresentadas, o pesquisado fala ou escreve livremente sobre o tema que lhe é proposto”. Para a autora, as vantagens da entrevista dizem respeito a seu caráter flexível permitir o alcance das respostas necessárias a pesquisa, bem como ser possível uma profundidade nos assuntos mais complexos e ainda o surgimento de novos dados.

Nesse sentido, o esquema seguir demonstra o processo de construção desta pesquisa:

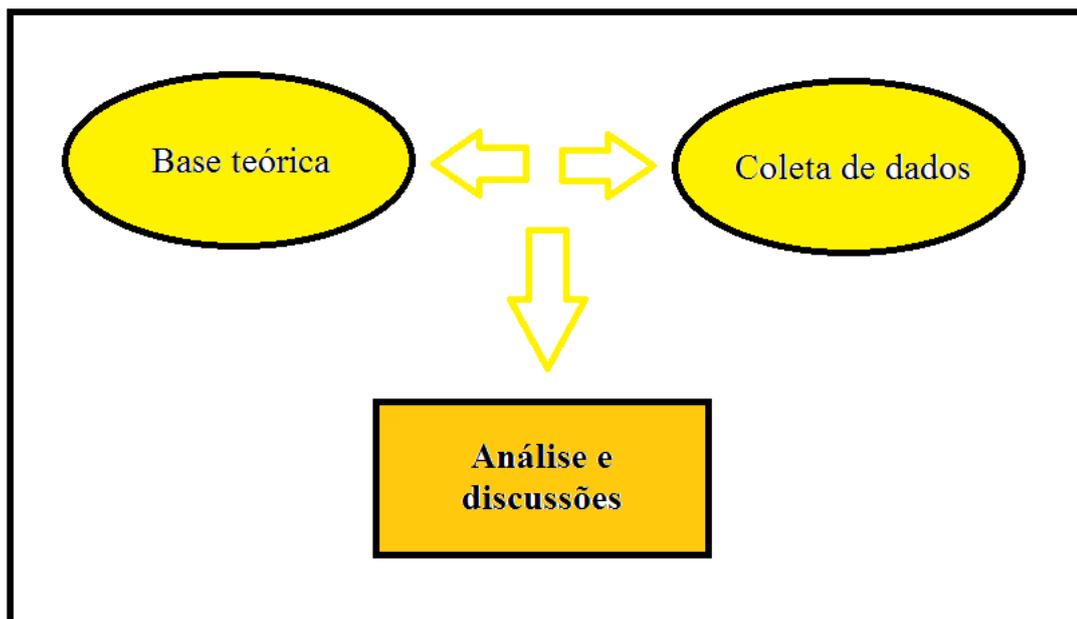


Figura 05: Esquema do desenvolvimento da pesquisa
Elaborado por: Fabiana Gomes Fialho (2011).

A base teórica desenvolvida na primeira seção deste trabalho é o referencial para as correlações com os dados levantados com o trabalho de campo que, por sua vez, resultam em novas informações compreendidas pelas análises e discussões. Assim, perseguimos este caminho de reflexão tendo em vista, principalmente, que os dados obtidos encaminharão a análises significantes do propósito da pesquisa.

3.1 A COLETA DOS DADOS: QUESTIONÁRIOS E ENTREVISTAS

A coleta dos dados que subsidia esta pesquisa foi viabilizada pela visita a colégios públicos estaduais da cidade de Maringá, na busca de conseguir, por meio de conversas inicialmente informais, possíveis informantes. Buscamos, neste sentido, esclarecer aos professores de Geografia a respeito dos objetivos da pesquisa, bem como os propósitos que tínhamos na aplicação do questionário e da realização das entrevistas.

Nesta fase de levantamento de dados foi expressiva a reciprocidade dos pesquisados quanto à importância da pesquisa, considerando que houve uma pronta disponibilização dos mesmos para coleta de dados.

A coleta de dados pela aplicação de questionário (vide apêndice A – p.73) foi alcançada com a participação de dez professores de Geografia da rede pública de ensino. Destes, três atuam no ensino fundamental, um apenas no ensino médio, e seis atuam no ensino fundamental e médio.

Procuramos conhecer as características profissionais dos pesquisados. E nesse sentido, Callai, Cavalcanti e Castellar (2007, p. 92) colocam, que através de sua investigação sobre o ensino da cidade em três cidades do Brasil, ser preciso conhecer os professores de Geografia, bem como seus saberes e percepção sobre o lugar onde vivem e de seus alunos. Outro aspecto importante é considerar o cotidiano, o espaço vivido dos alunos, como referência concreta para o encaminhamento das práticas de ensino de geografia.

Nesse propósito, considera-se as expressões, P₁, P₂, P₃,...P₁₀, para fazer referência aos professores participantes no decorrer da análise.

A experiência profissional dos professores participantes da pesquisa varia de cinco a trinta e um anos de atividade na docência.

O P₁ tem cinco anos de atuação na docência, lecionando no ensino fundamental e médio.

O P₂ atua a seis anos na docência, lecionando no ensino fundamental e médio.

O P₃ tem quinze anos de experiência no ensino fundamental e médio.

O P₄ atua também há quinze na docência, no ensino fundamental e médio.

O P₅ tem dezenove anos de experiência no ensino fundamental.

O P₆ atua a vinte e cinco anos na docência, lecionando no ensino fundamental.

O P₇ também atua a vinte e cinco nos ensino fundamental e médio.

O P₈ tem dezesseis anos de docência, atualmente atuando no ensino fundamental.

O P₉ atua a dezenove anos no ensino fundamental.

O P₁₀ tem trinta e um anos de experiência atuando no nível fundamental e médio.

Como podemos constatar a maioria dos pesquisados possuem considerável experiência na docência em Geografia e, isto, para a pesquisa foi muito importante, pois que, valorizamos e investigamos as práticas e estratégias desses professores no ensino da cidade e, especialmente, a cidade de Maringá.

Posteriormente, realizamos três entrevistas com professores participantes da primeira etapa da coleta de dados, a escolha dos entrevistados deferiu d a análise dos questionários dos quais as informações obtidas presumiram a possibilidade de reflexões mais profundas acerca dos objetivos da investigação, sendo eles os professores P₅, P₈ e P₁₀. O encaminhamento (vide apêndice B, C, D - p.75-77) das entrevistas ocorreu com base em temas das discussões desenvolvidas na pesquisa, que foram formuladas em perguntas e questões relevantes apresentadas pelo professores ao responder seus questionários, sendo possíveis assim maiores reflexões. No decorrer das entrevistas conforme surgiram elementos importantes nas falas do professores novas perguntas foram formuladas. Priorizamos a oportunidade dos pesquisados falarem livremente, manifestarem suas opiniões, idéias, valores, conceitos, práticas, que caracterizam o contexto em que se encontra a comunidade escolar da qual fazem parte.

4 A ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS E DAS ENTREVISTAS

A análise dos dados e informações coletadas com a aplicação dos questionários e a realização das entrevistas nos permitiu construir um conjunto de quatro categorias que sintetizam os resultados a que chegamos:

- A IMPORTÂNCIA DO CONTEÚDO CIDADE NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA PRÁTICA DOS PROFESSORES

- OS CONCEITOS DA GEOGRAFIA NO ENSINO DA CIDADE

- O ENSINO DA CIDADE DE MARINGÁ

- O TRABALHO DE CAMPO PARA O ENSINO DA CIDADE E A CIDADE DE MARINGÁ

4.1 A IMPORTÂNCIA DO CONTEÚDO CIDADE NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA PRÁTICA DOS PROFESSORES

Refletindo quanto à importância do ensino de Geografia e o tema cidade, as principais atribuições consideradas pelos professores pesquisados se concentram expressivamente nas falas que seguem:

Hoje a cidade abriga a maior parte da população (P₃).

É muito importante, pois as cidades têm uma participação muito grande na economia, é onde vive a grande maioria da população brasileira, promove e contribui para a cidadania e qualidade de vida (P₇).

A cidade é o espaço geográfico que vivemos (P₁).

O lugar de vivência do aluno é o espaço geográfico (P₆).

Geografia tem a possibilidade de trabalhar com muitos objetivos de aprendizagem e com diversos aspectos da cidade (P₅).

A cidade é uma organização social e econômica do espaço geográfico. Como a Geografia trabalha o espaço geográfico e a produção desse espaço, a cidade é um campo amplo para ser explorado. (P₅).

De muita importância, pois o tema ajuda o educando na localização e visualização do meio que está inserido (P₂).

Os alunos vivem na cidade, depende da sua estrutura para se locomover, estudar, trabalhar... (P₈).

O lugar de vivência do aluno é o espaço urbano. Ele é o local da existência das pessoas com seus objetos e ações (P₆).

Nas palavras dos professores percebemos que estudar a cidade nas aulas de Geografia é importante porque é aí que a vida cotidiana dos alunos se desenrola. Assim, muitas são as perspectivas de aprendizagem da relação entre os alunos - indivíduos, a coletividade - com a cidade, sendo evidenciado pelos professores o valor dessa relação. Logo, esta relação apresenta seu potencial para o ensino, de modo que tudo se pode questionar, sentir, ver, que estão presentes no cotidiano dos alunos, são temas, objetos, assuntos para a Educação Geográfica e aprendizagem da cidade.

O professor P₈ expõe, em sua entrevista, a premissa base na qual a pesquisa foi idealizada, colocando que é fundamental o ensino do conteúdo cidade porque o aluno deve saber onde se localiza no espaço e, sendo assim, tem que conhecer o bairro e a cidade onde vive. E que o objetivo da formação geográfica é o entendimento local e global, a compreensão sobre seu espaço de vivência e que sua participação nas decisões que afetam essa porção do espaço [seu espaço de vivência] é muito importante. E sobre este entendimento geográfico objetiva-se a inter-relação dos diversos conteúdos do tema cidade.

O professor P₁ em sua colocação define muito bem as idéias proposta pelo trabalho, e sobre o tema cidade diz:

Vejo este tema como uma excelente forma de trabalhar o espaço geográfico e assim nada melhor do que começar pelo espaço geográfico em que vivemos; o tema cidade ou meio urbano abre espaço para trabalhar conceitos importantíssimos como: espaço, lugar, paisagem, clima, relevo... enfim, com base no tema cidade podemos atingir melhor nosso aluno pois partimos de algo que na maioria das vezes faz parte de sua realidade (P₁).

Como coloca este professor o tema cidade é sem dúvida muito importante para o ensino de Geografia porque possibilita a aprendizagem integrada de inúmeros aspectos do espaço geográfico. Possibilita, ainda, a manipulação e o aprendizado de conceitos fundamentais ao desenvolvimento do raciocínio geográfico e, finalmente, insere o aluno no

processo ensino-aprendizagem, sendo visto como sujeito neste processo. Assim, como também afirma o professor P₃ “o ensino do tema cidade é muito importante, pois a Geografia estuda o físico e o humano”. Nestas palavras percebemos a dimensão desse tema de ensino, pois a cidade é uma porção do espaço geográfico de grande complexidade que possibilita inúmeras aprendizagens.

Outro aspecto muito importante que evidencia a importância do tema cidade é colocado pelo professor P₆. Note que, entre as inquietações do professor, está a preocupação de apresentar o conhecimento geográfico como um instrumento importante para o exercício e a consolidação da cidadania.

É na cidade que iniciaram as mudanças do meio natural e nela ocorrem as inter-relações entre a sociedade e a natureza. O espaço urbano é dinâmico e complexo, pois é o lugar em que ocorrem os fluxos populacionais e comerciais, a produção industrial e há concentração de conflitos e interesses socioeconômicos e culturais. É neste espaço que o professor, com uma boa mediação, transforma o aluno num cidadão, ao compreender a gestão da cidade e suas políticas públicas (P₆).

No mesmo sentido, o professor P₅ fala sobre as finalidades que consideramos no ensino do tema cidade que é “formar um cidadão consciente, atuante”. Do mesmo modo, professor P₁₀ ressalta a importância da formação que a Geografia escolar pretende proporcionar aos alunos considerando a importância de conhecer o espaço geográfico e principalmente o espaço da cidade.

É a formação cidadã, a formação cidadã é a função precípua da escola pública e a Geografia não foge disso, e se tratando da especificidade da Geografia, é importante, é fundamental, dotar o aluno da compreensão, e da intervenção do homem no meio e da produção da cidade e do espaço urbano e das transformações vigentes, da influência, da hierarquia entre as cidades, para ele entender e classificar a cidade em questão (P₁₀).

Assim, o professor P₇ coloca ser “possível realizar várias práticas pedagógicas sempre tendo em mente que o ambiente escolar é fundamental para a formação cidadã”.

A cidade sendo a organização social, econômica, ambiental, que se sintetiza na organização geográfica, remete-nos a sua complexidade. Contudo, para o ensino também são importante as relações sociais presentes na cidade, lugar onde ocorre reprodução do capital e da vida. Nesse sentido, os conflitos emergem entre essa relação, e para quem está teoricamente instrumentalizado fica mais claro refletir sobre a vida nas cidades e seus problemas.

Levando-se em conta que estamos preocupados em revelar o potencial do estudo da cidade no ensino de Geografia e não considerá-la apenas mais um conteúdo curricular - mas, também, um objeto, um meio rico em aprendizado – assim, como foi possível compreendermos segundo Castellar (2010) na seção 1 do trabalho, é relevante o que coloca um dos professores que participou da pesquisa:

O tema “cidade” deve ser abordado desde as primeiras séries do ensino fundamental até as séries finais, pois a proximidade do aluno como o objeto de estudo facilita a compreensão (P₄).

O professor revela a importância do aprendizado da cidade, considerando que ele se dá de forma contínua na formação escolar e não apenas como um conteúdo pontual do currículo. Este aprendizado é perpétuo, ou seja, sempre há algo novo para compreendermos a respeito da cidade. Ao mesmo tempo é evidenciado que no ensino de Geografia a cidade é o espaço de vivência do aluno, e que ela pode ser o meio para aprender muitos conteúdos da Geografia escolar, em outras palavras, a cidade tem grande potencial para o aprendizado geográfico, sendo um laboratório de ensino.

Assim, encontra-se no próximo fragmento dados que também contribuí para esta análise:

O tema cidade é muito importante visto que o mesmo permeia conteúdos básicos do ensino fundamental, bem como os conteúdos estruturantes da Disciplina de Geografia (dimensão econômica, política, socioambiental, cultural e demográfica do espaço geográfico) (P₉).

Nesse sentido, o que coloca o professor está vinculado às possibilidades de abordagens que o conteúdo cidade possibilita considerando as abordagens dos conteúdos estruturantes das Diretrizes de Educação Básica do Estado do Paraná (2008) que já apontamos.

Sabemos que são muitos os conteúdos da Geografia escolar que estão materializados no espaço da cidade, nesse sentido, a cidade se apresenta como meio de aprender distintos conteúdos da disciplina quando é considerada como espaço e instrumento para aprendizagem. Como coloca o professor P₆ “Ao estudar os conteúdos de Geografia citando exemplos do que acontece em sua cidade e de preferência comparar com outras cidades, estados ou países, o aluno entenderá o sentido de vivência e a aprendizagem tornar-se-á mais significativa”.

O professor P₆ em sua colocação manifesta idéias que propomos nesse trabalho:

Falar ou estudar sobre o meio urbano nas aulas de Geografia é ter a possibilidade de concretizar conceitos e ter um caminho para deixar as aulas mais participativas e agradáveis devido à interação que o professor tem com seus alunos ao falar do espaço real para um conteúdo ou espaço mais abstrato ou global. Ele não só vai descrever dados, mas vai entendê-los.

O tema cidade aproxima os alunos dos conteúdos da Geografia escolar, pois como vemos, se trata do espaço de vivência do aluno. Eles têm conhecimentos importantes que podem tornar-se mais significativos quando estão aliados ao conhecimento do conteúdo cidade, permitindo a aprendizagem e mudanças significativas para formação do aluno, reconhecendo a importância de conhecer os elementos essenciais do espaço de sua cidade.

No ensino da cidade as experiências e vivências dos alunos são importantes, sendo um encaminhamento didático pedagógico indispensável. Assim como evidenciado na revisão teórica, esta prática considera o papel do indivíduo como participante do aprendizado, valoriza o conhecimento que o aluno trás que é fruto de seu contato com o objeto de estudo, e que muitas vezes não o vê como realmente é, mas que pode ser o ponto de partida no aprendizado. Esta ideia vem ao encontro do que coloca Dolfuss (1978) na seção 1, considerando que “[...] cada grupo localizado num bairro da cidade tem uma percepção própria do espaço urbano [...]”.

Também é notória a importância de atribuir significados para as ações do dia a dia do aluno, reconhecendo-o como agente da organização do espaço geográfico. Assim coloca o professor P₅: “A participação do aluno nas aulas de Geografia é o momento em que pode aproximar o aluno do conteúdo estudado”.

Nesse sentido, professor P₈ diz ser fundamental que o currículo escolar incorpore as vivências e experiências dos alunos, e que assim, as aprendizagens da Geografia escolar possam ter um caráter de mudança para sua vivência. A Geografia permite esse aprendizado, pois tudo que está em torno aos alunos é conteúdo geográfico.

É necessário ao professor, portanto, conhecer as experiências e vivência dos alunos, como subsídio aos encaminhamentos didático escolhidos para promover o aprendizado. Nesse sentido coloca os professores pesquisados:

Toda a experiência que o aluno tem, tem que ser explorada, pois temos que partir do conhecimento prévio do aluno e do meio onde está inserido (P₃).

As experiências e o cotidiano enriquecem muito nossas aulas. Para mim a cidade é a referência básica para estudar o cotidiano das pessoas. Portanto, possibilitar a aprendizagem dos alunos, através de variadas estratégias, tendo a cidade como ponto de partida bem como os demais temas tratados pela

Geografia, irá facilitar e socializar o processo, uma vez que os alunos articulam os conceitos científicos em redes de significados que não lhes são estranhos (P₅).

A linguagem que o aluno tem do meio que ele vive, aliada a linguagem geográfica que aplicamos em sala de aula, avançam no entendimento do ensino de Geografia. [...] No sentido de contribuir para a reflexão dos conceitos geográficos e na transformação do comportamento dos alunos ao olhar seu entorno, que a prática do cotidiano é bem vinda para a escola (P₆).

Nos dias de hoje é fundamental o aproveitamento e a vivência dos alunos em sala de aula, podemos utilizar essas experiências de várias formas, a partir das experiências trazidas pelos educandos podemos construir saberes, referente às questões ambientais, políticas e econômicas (P₇).

Aproveito para conhecer a vivência e experiências dos alunos em determinados temas quando faço a prática social inicial e assim por meio de questionamentos uso todas as respostas dos alunos para introduzir os conteúdos de forma que eles compreendam em que sentido o conteúdo e a própria geografia se relaciona com determinado tema (P₁).

A metodologia para trabalhar a cidade passa pelo respeito, do aproveitamento do conhecimento espontâneo do aluno para as atividades abstratas, e isso é o básico na metodologia para o aluno entender e compreender a construção da cidade e o estágio que a cidade se encontra (P₁₀).

Os professores definem de forma muito clara um dos procedimentos mais importantes no ensino da cidade: conhecer o conhecimento prévio dos alunos, sua realidade e como eles compreendem essa realidade, descobrindo que elementos do espaço da cidade são de domínio dos alunos e que podem ser fundamentais para viabilizar o conhecimento da Geografia escolar e para o aprendizado do conteúdo cidade. Com base nesses dados, é possível sintetizar essas idéias por meio do seguinte esquema.

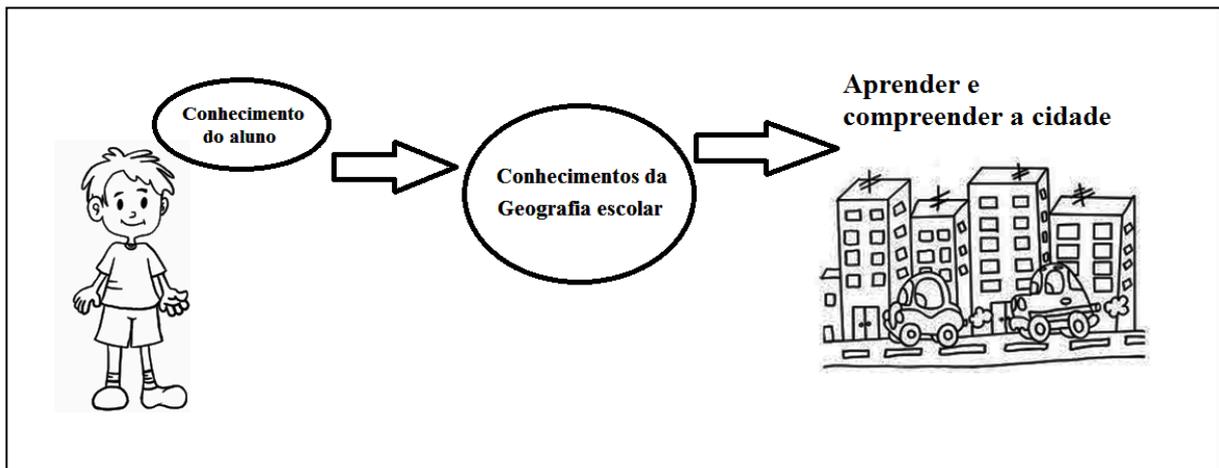


Figura 06: Esquema para o aprendizado da cidade
Elaborado por: Fabiana Gomes Fialho, (2011)

O conhecimento do aluno deve ser considerado na elaboração dos encaminhamentos para o aprendizado dos conteúdos curriculares da Geografia escolar, sendo fundamental para aprender e compreender o espaço da cidade. Como coloca o professor P₆:

Trata-se de estabelecer relação do saber escolarizado com o saber que o aluno formula não só a partir de sua vivência, mas também de seus valores e de sua cultura. Eles precisam saber que há arranjos espaciais diversos, produzidos em função não só do meio físico, mas do planejamento urbano e de suas fontes econômicas.

Assim, o meio urbano não é apenas natural ou material, mas também social, nesse sentido como coloca Castellar (2010) na revisão teórica deste trabalho, o aluno deve conhecer o espaço não só pelo seu arranjo que está materializado na cidade, mas que existem elementos simbólicos, culturais que denotam a afetividade com o espaço de vivência de sua cidade e de outras cidades.

Os professores P₅ e P₈ destacaram uma importante prática que consiste na observação dos bairros dos alunos seguindo de uma continuidade prática em sala de aula, sendo possível trabalhar os problemas do lugar de vivência dos alunos.

Nesse sentido, eles descrevem algumas práticas por eles desenvolvidas:

Trabalhar de forma que os alunos possam observar aspectos relevantes para o conteúdo, fotografar e entrevistar pessoas e trazer o resultado para sala de aula onde podemos fazer a reflexão sobre os trabalhos realizados (P₄).

O primeiro encaminhamento que proponho é a observação do espaço e coleta de dados, depois estes dados são trazidos para sala de aula e catalogados (em forma de tabelas, gráficos, painéis). Posteriormente

trabalhamos conteúdos dos livros, atlas ou textos específicos que tratem do tema e depois iniciamos o trabalho de seleção e ou construção dos conceitos (P₈).

Como vemos o conteúdo cidade é realizado pelos professores de forma muito prática já que os alunos são produtores de dados sobre este espaço.

Especialmente o professor P₈ esclarece alguns exemplos de como aliar de forma prática o ensino de temas do conteúdo cidade ao espaço de vivência do aluno, descrevendo procedimentos que os alunos podem realizar:

Exemplo 1 – Tema: Desigualdade social

No trajeto casa-escola observar as diferentes formas de moradias que encontramos no percurso;

Observar os meios de transportes utilizados pelos moradores para se deslocarem de casa até o trabalho;

Durante uma hora vamos observar o fluxo de veículos e selecionar entre carros padrão básico, médio e luxo.

Exemplo 2 – Meios de transportes

Pesquisar e observar o espaço de estudo.

Quais os meios de transporte mais utilizados em nossa cidade?

Exemplo 3 - Meio ambiente

Como as leis ambientais são aplicadas em nosso Município?

Os fundos de vales são preservados?

Existem reservas de mata nativa?

As práticas apresentadas são possíveis de serem realizadas considerando a realidade da educação básica. Percebemos que a coleta de dados proporciona conhecimentos importantes sobre a cidade e desperta o senso crítico dos alunos, sendo possível o debate da análise do trabalho de pesquisa que os alunos foram produtores dos dados e ainda estreita a relação com a realidade de seu espaço de vivência.

Especialmente, o potencial da análise das moradias que podemos encontrar na cidade foi demonstrado conforme Cavalcanti (2002) na seção 1, a partir desta prática é possível aprender questões importantes do espaço urbano e os processos envolvidos ao acesso a moradia na cidade.

O espaço geográfico não é homogêneo, os contatos sociológicos são diferentes, visto que estes estão permeados por elementos geográficos distintos e as vivências dos alunos também são diferentes. Se considerarmos que alunos que moram perto da escola e que de certa forma consomem um espaço reduzido em comparação a alunos que diariamente tem seu trajeto mais longo para chegar à escola, este último tem uma percepção diferente de seu espaço cotidiano, que por certo, tem maior contato com as diferenças que existem no espaço

da cidade, bem como nas diferenças geográficas do sítio da cidade, do lugar onde mora, do caminho que trafega, e do lugar onde se encontra localizada a escola.

A relação cotidiana que existe na vivência dos alunos é muito rica. Entende-se que os alunos podem não ter consciência disto, mas cabe ao ensino da Geografia dar significados aos elementos geográficos do seu lugar de vivência. O fragmento, extraído das respostas dada por um professor nos questionários aplicados, ilustra esta idéia: “Os alunos moram e passam por vários bairros até chegar à escola, mas não prestam atenção na organização, na estrutura, segurança, limpeza, arborização, pavimentação, esgoto, etc” (P₈).

A dimensão do cotidiano se revela como uma vertente de grandes possibilidades para o ensino de Geografia e para a Educação Geográfica. Nele estão presentes muitos elementos da relação da sociedade, da relação homem e meio ambiente, os problemas existentes para a vida nas cidades. E conforme o professor P₆, “a cidade é referência básica para estudar o cotidiano”.

Nesse sentido, desdobrando este ponto da análise, as práticas dos professores de Geografia para o aprendizado da cidade são abundantes. Tem-se que considerar o espaço da escola nesse contexto de aprendizagem, sendo desenvolvido nas maiorias das vezes em sala de aula.

Assim, apresentamos práticas diversas dos professores pesquisados para o desenvolvimento do conteúdo “cidade”:

Através da participação oral, dando oportunidade para que os alunos possam relacionar a teoria com a prática de modo que o aprendizado seja favorecido (P₄).

Partir do conceito cidade e fazer questionamentos do que se entende por cidade (P₃).

Utilizando fotos antigas, fazendo comparações com as fotos atuais. Trabalhando a revitalização de novos espaços que no passado e no presente atenderam e atendem determinado momento econômico (P₅).

Desde os primeiros dias de aula, costumo iniciar as aulas com uma conversa informal sobre as viagens ou passeios de férias. De acordo com a localização da Escola, bem como sua "clientela", a maior parte dos alunos viaja, poucos permanecem na cidade. Na fala, eles descrevem os aspectos físicos do lugar ou por onde passaram e alguns aspectos econômicos, como: as estruturas dos shoppings, as condições das ruas e avenidas as atrações turísticas e outros. O mesmo acontece com quem não saiu da cidade, através da mediação da professora. Neste diálogo podemos entender o conhecimento que a classe tem sobre o seu lugar de vivência (P₆).

Pode-se pedir que o aluno desenhe o meio urbano (a cidade onde ele mora), pontos de referência. Perguntar por que do aumento da população das cidades, o que a cidade tem que o meio rural não pode oferecer (P₃).

Produção de textos, mapas mentais, questionamentos, leitura e reflexão de textos, de jornais, de revistas e de imagens da cidade, discussões, utilização de vídeos, documentários, trabalhos de pesquisa, análise de figuras, gráficos, tabelas, fatos sobre o crescimento da cidade, confecção de maquetes, elaboração de painéis e confecção de representação cartográfica. Todas estas práticas para o ensino da cidade foram evidenciadas de forma expressiva na coleta de dados.

O professor P₁₀ faz uma colocação interessante, pois se trata de um dos enfoques fundamentais do ensino de Geografia: o trabalho cartográfico, dizendo que o domínio da linguagem cartográfica é essencial para que o aluno aprenda a se localizar no espaço.

Assim, existem alguns atlas da cidade de Maringá, sendo eles: Atlas geográfico Escolar: Ambiente e Educação e o Atlas Geoambiental de Maringá, que são publicações que permitem a coleta de informações da cidade para possíveis desdobramentos em atividades escolares.

O acesso a internet pelos alunos pode ser oportunizada para o ensino da cidade, com busca sobre informações e a história da cidade, como por exemplo, a ferramenta *Google Earth* que permite aquisição de imagens aéreas da cidade em que vivem.

Por meio dessas práticas e atividades, podemos concluir que os professores as consideram eficientes para estudo do tema cidade. Sendo a possibilidade de aprender elementos constituintes da cidade, sua organização, suas funções, de se fazer referências a conteúdos curriculares materializados no espaço da cidade, compreendendo assim a proposta de dar significado aos conteúdos da Geografia escolar, e objetivando o aprendizado e a compreensão.

Questionamos sobre como a abordagem cidadã que é pertinente a esse tema, é realizado pelos professores:

Eu diria que também é abordado com o conteúdo cidade, mas não unicamente, este tema deve ser explorado e destacado nas aulas sempre que possível. Trabalho o tema cidadania através de textos complementares, filmes, interpretação de imagens e outros (P₁).

Geralmente eu abordo o tema no final, depois que percebo que os educandos compreenderam bem o tema cidade (P₂).

Todo tempo pode ser abordado o tema cidadania, pois uma cidade se faz também através de seus impostos da responsabilidade do cidadão e seus compromissos com o que ele trabalha, vive e o meio em que está inserido (P₃)

O tema cidadania é abordado em conjunto, pois quando trabalhamos algumas questões ambientais e como a cidade se organiza nossos alunos demonstraram interesses sobre os problemas abordados, despertando no educando mudanças locais (P₅).

A prática da cidadania é viva na escola no seu cotidiano, quando o aluno conhece seus direitos e compreende seus deveres de aluno e só depois como cidadãos, numa dimensão maior e neste sentido, não é só nas aulas de Geografia que é possibilitada essa formação. Nesta perspectiva, a cidade é vista como o lugar onde se produz um modo de vida. É o lugar onde se exerce no cotidiano a cidadania. Assim, procuramos entender como as pessoas se deslocam pela cidade, como vivem, como produzem, como exercem seus direitos e praticam seus deveres de viver na cidade (P₆).

Ao trabalhar o conteúdo cidade já estamos trabalhando cidadania, se o aluno conhece sua cidade ele participará melhor das decisões e saberá escolher o que é melhor para ele e os demais (P₈).

Podemos partir do princípio da consciência do cidadão sobre a preservação da cidade, em vários aspectos como do meio ambiente, na limpeza e nos cuidados de forma geral (P₇).

Estamos exercendo a cidadania quando discordamos, dialogamos, protestamos, criticamos e expomos nossa opinião. Essas são ações que podem ocorrer em qualquer disciplina dentro de uma escola (aprendendo a conviver socialmente em espaço público), inclusive na Geografia. E também fora da escola. Em se tratando mais especificamente do conteúdo cidade a cidadania é tratada de forma intrínseca já que cidadania significa cidade. Todavia, levando em consideração tudo que já foi registrado nesta questão, penso que cidadania se aprende na prática, em casa, na escola, em outros espaços públicos e privados (P₉).

O ensino da cidade pode formar o conhecimento e compreensão do lugar de vivência dos alunos e a consciência que sua atuação neste espaço é importante, entendendo o que é necessário para o indivíduo e a coletividade. Como coloca o professor P₆ é preciso “entender como as pessoas se deslocam pela cidade, como vivem, como produzem, como exercem seus direitos e praticam seus deveres de viver na cidade”.

Como vemos, a formação cidadã não acontece apenas na escola, a cidade tem espaços que permitem o aprendizado, que transmitem valores e comportamentos inerentes ao indivíduo. Contudo o professor P₈ em sua colocação expõe uma de nossas idéias defendidas, de que quando o aluno conhece sua cidade ele participará das decisões e iniciativas em prol da coletividade. E também que o enfoque cidadão é oportunizado, conforme o professor P₁₀ em

atitudes e comportamentos sendo contemplado nos temas: “como trafegar no perímetro urbano, como respeitar o meio ambiente (lixo) e o espaços públicos”

4.2 OS CONCEITOS DA GEOGRAFIA NO ENSINO DA CIDADE

Os conceitos da Geografia no aprendizado do conteúdo cidade apresentam possibilidades que podem viabilizar a interpretação e compreensão do espaço da cidade e também são categorias de análises que estão implícitos nesse processo.

Entre os conceitos espaço, paisagem, lugar, território, os professores consideraram que todos são importantes no ensino da cidade. Logo, conforme os professores pesquisados os conceitos da Geografia

[...] são termos geográficos que serão utilizados durante o processo educacional. Um completa o outro, facilita a compreensão do educando e esclarece sua diferenciação (P₂).

Todos os conceitos são importantes, pois cada um deles tem sua parcela de contribuição no ensino e aprendizagem do conteúdo cidade (P₇).

Para alguns professores pesquisados os conceitos da ciência geográfica que possibilitam a aprendizagem do tema cidade são considerados todos com igual importância de aplicabilidade nos encaminhamentos didáticos pedagógicos deste tema:

Os conceitos, acima citados, estão inter-relacionados, ou seja, não há como priorizar um em detrimento do outro (P₄).

Todos esses conceitos são de extrema importância e estão interligados sendo assim não vejo cada um deles de forma isolada, mas como um todo e como uma das bases para o ensino de geografia (P₁).

Não há como fazer uma separação de mais ou menos importantes, todos são relevantes para o ensino de geografia, pois todos estão unidos e fazem parte da cidade ou do campo e estão inseridos no dia a dia dos alunos (P₃).

O professor P₉ expressa uma das idéias que defendemos nesta investigação, ou seja, de que no ensino do tema cidade é possível relacionar vários conceitos da ciência geográfica, assim como os conteúdos estruturantes da Geografia escolar:

Levando em consideração os conteúdos estruturantes da disciplina de Geografia (Dimensão política, Dimensão econômica de produção do espaço, Dimensão socioambiental e Dimensão cultural e demográfica) todos são importantes uma vez que é possível tratar o tema cidade permeando todos esses conteúdos de acordo com as Diretrizes Básicas para a Disciplina de Geografia do Estado do Paraná. Quanto aos conceitos geográficos, também especificados nas Diretrizes, considero todos importantes (Espaço, paisagem, lugar, território, região, natureza, sociedade) já que da mesma forma, quando se fala e se explica sobre cidade, é possível perpassar e relacionar todos eles (P₉).

Este é um pressuposto importante, contudo, cabe explicar como eles podem contribuir para a aprendizagem da cidade. Sendo assim, conceituam alguns professores participantes:

Espaço é o conteúdo, que segundo Lana de Souza Cavalcanti (2010, p. 66), são as relações sociais em movimento que se materializam espacialmente e que dá ao espaço urbano dinâmica própria [...]. Paisagem é a expressão visível de um espaço, o domínio do aparente, de tudo o que nossa visão alcança; ela é dinâmica e histórica por ser expressões de momentos da sociedade. Logo, a paisagem revela as relações de produção da sociedade. Lugar é o habitual da vida cotidiana, é por onde se concretizam relações e processos globais [...] (P₆).

Espaço como objeto de estudo da geografia. Lugar: se o aluno é oriundo do meio urbano, deve-se partir desse conceito, aproveitando a percepção e vivência do aluno. Paisagem: mostrar as modificações e alterações ocorridas no espaço através das construções urbanas (P₁₀).

Um dos professores coloca que para o ensino do tema cidade os conceitos de lugar e de paisagem são fundamentos para este aprendizado:

O lugar ele é mais familiar, algo que identificamos muito próximos aos nossos interesses. Paisagem é amplo envolve movimentos, cores, sons, delimitação visual, cheiro. Ambos estão contidos no espaço geográfico [...] (P₅).

O lugar como vimos na seção 1, é conforme Carlos (2007) compreendido pelo domínio do vivido, permitindo a particularidade, a identificação de elementos característicos do lugar. E também como foi discutido na revisão teórica, Castellar (2010) coloca ser possível a formação do conceito identidade, quando o aluno se identifica com o seu lugar de vivência e compreende a organização deste.

Para compreender a paisagem é necessário entender as organizações a nossa volta, é preciso sair da aparência e chegar a sua essência. Esse aprendizado se trata também da

construção da consciência geográfica, em saber ler o mundo, as formas presentes no cotidiano, e as também de lugares distintos e distantes.

Assim, sendo possível entender que as formas da cidade é o que se revela no primeiro momento, e que representa contradições, funções, condições, dinâmica e fluxos da cidade e da vida urbana, sendo essas interpretações necessárias para ter conhecimento sobre o espaço da cidade chegando à sua essência, ao espaço geográfico. Vale salientar que a essência é entendida como os interesses, os motivos, as definições e atribuições, enfim as relações, que criam as formas materializadas na cidade.

Especialmente o professor P₈, interpretou como os conceitos geográficos pode ser aplicados no estudo da cidade:

A cidade é um lugar, que se localiza em um espaço, que possui territórios delimitados e paisagens distintas [...] (P₈).

Nesse processo de aprendizagem que tem objetivo de saber ler e compreender o espaço geográfico encontra-se contribuições didáticas dos professores pesquisados:

Apresentando imagens de vários bairros e apontando as diferenças entre o espaço urbano dos vários pontos do município e de outros municípios [...]. (P₂).

Utilização de vídeos, documentários, trabalhos de pesquisa, análise de figuras, gráficos, tabelas, fotos sobre o crescimento da cidade e explicações sobre os fatores que levaram que esse crescimento. Fazendo uma comparação no tempo e no espaço [...] (P₅).

O professor P₂ demonstra a possibilidade do aprendizado do espaço geográfico acerca de suas diferenças, contradições, entendo que o espaço não é homogêneo. E isso em uma escala local e até global, já abrangendo outros municípios.

O professor P₅ expõe um dado interessante, quando entendemos ser necessário o uso da paisagem para o aprendizado da cidade, que no caso está representado pela utilização de fotografias, o professor coloca que entender os fatores que levaram as mudanças na paisagem é fundamental. Nesse contexto, abre-se a reflexão que se propõe de entender a essência da paisagem, buscando compreender quais os motivos que determinaram sua configuração atual, que são históricos, do interesse econômico e também para reprodução da vida, sendo possível compreender que as formas da paisagem são elementos da organização da sociedade, mas que existem outros fatores implícitos nessa realidade, como já foi dito.

Nesse sentido, o professor P₅ coloca ser de interesse da Geografia para o ensino da cidade a compreensão da sua formação, seu desenvolvimento, quais foram os fatores decisivos para sua materialização e transformações no espaço urbano, e de como estes processos estão presente na realidade vivenciada. Assim, fazendo referência do ensino da cidade de Maringá o professor infere duas questões que podem ser importantes para entender esses processos: Quais foram as personalidades que contribuíram para o desenvolvimento da cidade? Quais os aspectos positivos e negativos tanto no plano estrutural como social da cidade de Maringá? Todas as indagações apresentam possibilidades para os encaminhamentos didáticos na construção do “saber sobre sua cidade” e os conceitos da Geografia são fundamentais, como vemos, para construção de conhecimentos geográficos.

4.3 O ENSINO DA CIDADE DE MARINGÁ

O ensino de conteúdos da Geografia escolar pode ser encaminhado com referência frequente à cidade de alunos e professores. Muitas são as possibilidades de efetivar a compreensão usando exemplos da cidade em que se vive. Isso se apresenta nos fragmentos a seguir transcritos:

Nos diversos conteúdos trabalhados é possível destacar ou valorizar o espaço em que vivemos (P₁).

Procurar exemplificar os conteúdos abordados usando exemplos da cidade, pois facilita a compreensão por se tratar do espaço próximo do aluno. São destacados aspectos humanos, econômicos, sociais, ambientais e urbanos (P₄).

A coleta de dados viabilizou a investigação sobre como a cidade de Maringá é trabalhada nas aulas de Geografia. Nesse sentido, coloca o professor pesquisado P₆:

Trago para o currículo escolar enquanto espaço de aprendizagem, compreendendo sua função, sua gênese, o processo histórico em que foi produzido, o modelado do relevo e suas nascentes, as espécies vegetais e animais encontrados, a produção da paisagem ao longo dos anos, a partir de 1942, motivos do crescimento populacional, a composição da população, o uso e ocupação do solo, produtos industrializados e comercializados, prestação de serviços, vias de transporte e circulação de produtos, pessoas, mercadorias e idéias fazendo de Maringá um espaço-mundo (P₆).

Assim, muitos são os temas e conteúdos que os professores descreveram como possibilidades de trabalhar a cidade de Maringá e também exemplificaram os encaminhamentos para esta aprendizagem.

Para trabalhar precisamente a cidade de Maringá, com ênfase em sua formação e organização o professor P₁₀ diz ser possível pela

Sua história, seu modelo clássico no contexto do processo de colonização da região cafeeira. Seu planejamento, seu crescimento na primeira fase, seu crescimento na fase seguinte, seus problemas de trânsito, segurança, moradia na atualidade.

O professor P₁ coloca ser importante conhecer o que os alunos sabem sobre a cidade, isto é realizado através da prática social inicial. Logo, como diz o professor P₇ “a cidade de Maringá pode ser abordada em vários aspectos, tantos os físicos, sociais e econômicos”:

Podem ser destacados vários aspectos positivos como a natureza, organização urbana, o turismo, economia, e também alguns aspectos negativos no que se refere à falta de preservação de prédios e locais históricos (P₇).

O professor P₈ diz ser importante destacar os aspectos culturais da cidade e ressalta a importância de se conhecer os espaços que propiciam acesso à cultura: os teatros e parques, lugares que oferecem aprendizado que estimula a familiaridade com a cidade pretendendo formar o sentimento de pertença. Assim, em entrevista ela diz: “Muitos alunos ao ver o teatro, por exemplo, veem um prédio e não um espaço de cultura e aprendizado, é preciso entrar no teatro ver exposições, ver o palco de apresentações, para que através das explicações os alunos entendam a importância desse espaço”.

Outro exemplo são as praças, lugares mais democráticos para participação dos cidadãos, que no centro da cidade estão caracterizados como lugares de eventos populares e nos bairros como o espaço para jogar bola. Contudo, como coloca o professor P₈, “eles frequentam esses lugares, mas não é compreendida a importância deste como espaço de convivência social”.

O professor P₇ levanta uma questão importante a respeito da cidade de Maringá, expondo como uma abordagem negativa sobre a cidade, o fato que se refere à falta de preservação dos prédios e locais históricos. Assim como evidenciamos na seção 1 com a discussão de Yázigi (2003), reconhecer os patrimônios ambientais urbanos da cidade é fundamental; esses espaços têm grande potencial para aprendizagens, sendo possível remeter

a história da cidade e compreendê-la de forma notável já que se é possível vivenciar as formas e funções do passado que contam a organização da cidade por meio desses prédios e lugares que tem distinto valor.

O professor P₁₀ coloca em entrevista que o objetivo da Geografia escolar é trabalhar o espaço geográfico e, em se tratando da cidade, é importante partir dos aspectos naturais da região e o histórico da cidade, ou seja, “partindo de suas caracterizações físicas, seu plano de desenvolvimento e suas modificações do tempo vigente que é de conhecimento do aluno; então, partindo do conhecimento espontâneo é possível trabalhar o conhecimento científico na construção e desenvolvimento da cidade”:

Os aspectos abordados para o aprendizado sobre a cidade de Maringá são os aspectos que norteiam a construção de toda e qualquer cidade; parte-se do aspecto natural, que é o ambiente natural em primeiro lugar que vai embasar a compreensão da cidade, no caso da cidade de Maringá. A gente apresenta a natureza regional e local, partindo da bacia do Paraná, do solo roxo e fértil e em cima disso o histórico todo que possibilitou a cidade de Maringá como centro regional, e depois trabalha o planejamento e em cima desse planejamento o desenvolvimento e também os problemas que a cidade apresenta hoje (P₁₀).

Início sempre pela localização geográfica, em seguida trabalho a história da cidade, a sua função, a distribuição dos bairros (planejamento urbano), fluxos (pessoas, serviços, transporte, financeiro), áreas de lazer, problemas urbanos (P₈).

Percebemos que os professores busca propiciar aos alunos a compreensão da cidade de Maringá por meio da identificação das causas de sua localização; busca mostrar, primeiramente, os aspectos ambientais que antecederam a construção da cidade, considerando-os como primordiais para seu desenvolvimento remetendo a importância dos aspectos físicos do sítio onde foi edificada. E finalmente, é claro, no que tange à contemporaneidade trabalha os problemas que há na cidade.

O professor P₅ coloca que a cidade de Maringá deve ser “trabalhada no tempo e no espaço”. Refletindo sobre a necessidade de compreender sua organização e seu desenvolvimento, o professor em entrevista discorre sobre esta idéia:

Como a Geografia trabalha o espaço geográfico, eu procuro sempre trabalhar o antes e o depois, fica bem nítido trabalhar o espaço como ele era e como se formou, o processo de ocupação, as dificuldades desse processo de ocupação, os responsáveis envolvidos nessa ocupação, o que melhorou em termos de qualidade para cidade. Eu como cidadã Maringaense nasci em 1970, eu presenciei várias transformações, várias modificações da cidade.

Outras que precisam ser feitas, percebo que a cidade precisa melhorar muito, não é só o crescimento, mas um crescimento ordenado, que traga qualidade de vida à população, em alguns pontos nós melhoramos bastante, é muito importante que o aluno tenha essa visão, o que melhorou, o que precisa ser melhorado, também despertando um espírito crítico, talvez seja na sua colocação que a gente percebe aquele exercício da cidadania, ele dando sua opinião: no meu bairro já aconteceu isso! Já aconteceu aquilo! São as questões que eu mais resgato dos alunos, as necessidades, cada bairro da cidade, o que a cidade está oportunizando em termos de saúde, em termos de educação, de acesso, de emprego, frentes de trabalhos, as oportunidades para os jovens, é um resgate de tudo, porque a geografia trabalha o espaço, trabalha a economia, trabalha a política, a geopolítica, trabalha a parte física e as mudanças (P₅).

O professor P₅ também em sua colocação deixa evidente que é necessário trabalhar o “antes e o depois”, assim como o professor P₁₀. O desenvolvimento da cidade no seu contexto histórico de formação, trabalhando questões fundamentais que compreenderam motivos para sua inserção como pólo regional, e suas potencialidades que podem ser percebidas atualmente. Despertando também a criticidade do aluno, quando é possível o aluno observar e refletir sobre a situação de seu bairro, seus problemas, as mudanças ocorridas no seu lugar de vivência, entre outros. E quando a professora coloca a necessidade de aprender sobre questões relacionadas à saúde, educação, emprego, oportunidades para os jovens, dentre outros, fica evidente a possibilidade e a necessidade de se pensar a cidade enquanto lugar para a reprodução da vida, assim como enfatizamos na seção 1, conforme Carlos (1997) a cidade não é apenas o lugar de reprodução do capital, mas também da reprodução da vida humana.

Nesse sentido, são várias as contribuições dos professores para os encaminhamentos didáticos que abordem aspectos positivos e negativos para o estudo da cidade de Maringá, que estão organizados na tabela:

Abordagens	Temas e Conteúdos
Sociais	Onde as classes sociais estão inseridas espacialmente na cidade; População da cidade; Tamanho da cidade; Processo histórico; As desigualdades; Contradições; Pobreza.
Ambientais	Clima; Relevo; Nascentes; Espécies vegetais e animais; Cidade arborizada;

	Lixo e poluição da cidade; Aterro Sanitário; Fundos de vale.
Econômicas	Atividades econômicas centralizadas na cidade; Produtos industrializados e comercializados; Prestação de serviços; Circulação de pessoas; mercadorias; As indústrias de Maringá; O complexo agroindustrial da cidade.
Urbanas	Processo histórico da cidade; Planejamento da cidade; Expansão urbana da cidade de Maringá; Parques da cidade; Revitalização e novos espaços da cidade; Uso e ocupação do solo; Turismo; Transporte coletivo; Trânsito; Segurança; Falta de preservação dos prédios e locais históricos; Parques da cidade; Desenvolvimento espacial da cidade de Maringá e cidades adjacentes.

Uma questão muito relevante diz respeito à autonomia do professor em desenvolver e refletir práticas de ensino com objetivos específicos que se adéqua as necessidades de cada classe é proposto pelo professor P₁₀, quando foi questionado sobre práticas de ensino que viabilizam o ensino da cidade disse ele:

Não temos uma prática, uma metodologia padrão, porque as turmas são heterogêneas, são diferentes. Trabalho com dez turmas da terceira série do segundo grau, e eu não posso e não consegui trabalhar com a mesma metodologia com as dez turmas, você tem que adequar, você tem que modificar a metodologia (P₁₀).

Nesse sentido o conteúdo ou tema cidade é dotado de ilimitadas formas de realizar encaminhamentos didáticos pedagógicos que proporcionam o conhecimento sobre a cidade, sendo seus condicionantes: a realidade da cidade em questão, do bairro do aluno, a percepção que o aluno tem do seu lugar de vivência e também o conhecimento de professor sobre a cidade, neste contexto ele é o viabilizador do ensino significativo da sua cidade e de seus alunos, assim, conhecê-los é imprescindível.

Para realizarem as práticas que contemplam a cidade de Maringá os professores recorrem a publicações e materiais pedagógicos que abordem este tema, e nesse sentido os professores relataram:

O mapa da cidade é material de apoio imprescindível, além de fotos, filmagens, cartazes, etc.

Livros, fotos, revistas e jornais, com assuntos relevantes e atuais da cidade, sites da internet sobre Maringá, mapas que tenho sobre Maringá para observar a sua evolução e para localização e o mesmo acontece na escola (P₆).

Utilizo materiais pedagógicos Atlas: Atlas Geográfico Escolar, IBGE, RJ. 2002; Atlas Escolar de Maringá – Ambiente e Educação, UEM, 2006; Atlas Geoambiental de Maringá, Maringá: Clichetec, 2003. Site Oficial da Prefeitura Municipal e o livro didático – Geografia – Espaço e Vivência, 7º ano, Editora Atual (para o ano de 2011) (P₈).

Maringá Espaço e Tempo. Dalton Áureo Moro. 2003; Maringá e o norte do Paraná. Reginaldo B. Dias e J. H. R. Gonçalves. 1999; Cidades Brasileiras. Rosicler M. Rodrigues. 1992; O fenômeno urbano numa zona pioneria: Maringá. France Luz. 1997; Jacus e Picaretas. Ildeu Manso Vieira. 1999. Gosto de usar também documentários, pequenos vídeos, imagens e até desenhos (Chico Bento no shopping Center e outros) na TV Multimídia (P₉).

Como percebemos os professores utilizam diversos materiais para o ensino da cidade de Maringá, no entanto, como colocou o professor P₈ é necessária a produção de um material que especificamente trate da cidade de Maringá sob seus diversos aspectos geográficos com o enfoque pedagógico, “assim seria facilitada a realização dos encaminhamentos didáticos pedagógicos voltados para o ensino da cidade de Maringá que possibilite a formação crítica do aluno”.

4.4 O TRABALHO DE CAMPO PARA O ENSINO DA CIDADE E A CIDADE DE MARINGÁ

O trabalho de campo é considerado por todos os professores participantes da pesquisa como uma prática importante para o aprendizado da cidade. Nesse sentido, os resultados apontam para perspectivas do trabalho de campo como uma prática didática que visa inúmeras aprendizagens e que podem ser objetivada pelo ensino de Geografia. Se valendo do que

coloca o professor P₁₀ a prática de campo: “são os passos necessários para dotar os alunos em cima do concreto das abstrações necessárias para entender o espaço urbano”, assim

O trabalho de campo está inserido dentro da metodologia do aproveitamento do conhecimento espontâneo do aluno, o trabalho de campo possibilita ao aluno adquirir em cima do concreto as noções do espaço concebido, o trabalho de campo mostra o espaço vivido, aquele que o aluno toca, pega, vive, vê, sente, e em cima disso ele vai tornar-se capaz de compreender o espaço percebido e até o concebido (P₁₀).

Como coloca o professor P₇, “trabalho de campo é fundamental, pois é através dele que o educando pode vivenciar todas as realidades apresentadas nas cidades. É necessário realizar o trabalho de campo, pois eles viabilizam a aprendizagem tornando possível a trocas de experiências”.

Fundamentalmente os dados obtidos apontam para três aspectos importantes acerca do trabalho de campo sendo eles: a importância do trabalho de campo, considerando efetivamente como uma prática que permite o conhecimento sobre a cidade e também o geográfico; a inviabilidade de sua realização considerando a realidade da educação básica e das condições de trabalho dos professores; e; as práticas alternativas que viabilizam a realização do trabalho de campo configurando-se de formas diferentes.

Quanto à importância do trabalho de campo para o ensino da cidade, os professores expressaram-se:

Trabalhos de aula de campo são importantes no processo de aprendizagem de tema cidade. Penso que Geografia não pode ser compreendida apenas dentro de sala de aula, com aulas expositivas e com leitura de textos em livro didático. Em muitos conteúdos de Geografia são necessários sair da abstração e ir para o concreto a fim dos alunos compreenderem os conceitos e conteúdos (P₉).

O aluno vê na prática e identifica os conteúdos trabalhados em sala, principalmente os problemas urbanos (P₅).

O trabalho de campo é uma forma de ler a paisagem e descobri-la. É identificar sistemas naturais e culturais, entender suas relações e se sentir parte do processo e poder comparar a paisagem observada com outras; é o momento em que podemos visualizar o que foi estudado em sala de aula, em que a teoria se torna realidade (P₆).

O trabalho de campo é fundamental à compreensão do conteúdo cidade. A relação do meio rural com o meio urbano, suas interdependências e sua dinâmica será compreendida e apropriada pelo aluno através do trabalho de campo (P₁₀).

Basicamente percebemos que o trabalho de campo é a possibilidade de aliar a teoria com a prática, aprendendo através da materialidade da cidade os conteúdos e conceitos da Geografia.

O professor P₆ discorre sobre uma das idéias que discutimos neste investigação: a possibilidade que a leitura da paisagem tem para compreensão da cidade, despertando a identificação do aluno com seu espaço de vivência, possibilitando a compreensão da organização da cidade e de como isso se relaciona com a sua vida, assim, identificando os vários usos da cidade, analisando as contradições e desigualdades presentes neste.

Ao fazer um trabalho de campo procuro levar o aluno a perceber a paisagem urbana, observá-la e descrevê-la em seus pontos positivos e negativos. Porém, este tipo de leitura pode levá-lo a uma visão distorcida da realidade. No trabalho de campo é preciso refletir sobre os elementos naturais (vegetação, solo, clima), a ação humana e os processos biogeoquímicos que não vemos, mas estão inseridos nas áreas em estudo. Em uma classe, independente da série, a leitura de um espaço urbano pode ser interpretada de várias formas. Para o geógrafo Tuan, diversas visões de mundo coexistem em um meio ambiente comum. É uma boa estratégia, no final das atividades de campo, confrontar as visões e os valores culturais através de debates e na seqüência fazer os registros (desenhos ou produção de textos) como forma de *feedback* (P₆).

Como vemos, nem sempre a análise da paisagem leva a compreensões primos da realidade do espaço geográfico, o papel do professor neste processo é fundamental, o preparo teórico em sala de aula sobre os diversos conteúdos do tema cidade, e propriamente sobre a cidade estudada é importante para realizar um trabalho de campo com a finalidade de compreender do espaço urbano através da análise da paisagem. Assim também, foi colocado pelos professores que dependendo da faixa etária dos alunos muitas vezes essa compreensão não é atingida, cabendo então, adequar os enfoques que a cidade pode ter dependente dos objetivos de aprendizagem do trabalho de campo considerando os conteúdos curriculares na série escolar em questão.

Ainda, o professor P₆ como vemos, detalhou uma prática de ensino para realizar o aprendizado sobre a cidade. Porém, muito interessante neste processo relatado pelo professor é que existe primeiramente, um mundo qual os alunos concebem, depois outro mundo durante o trabalho de campo, quando os alunos observam a luz da materialidade da cidade e que vão formar a partir disso, observando e analisando os problemas urbanos de sua cidade e o outro mundo que é formado através da troca de experiências viabilizadas pelas atividades pedagógicas posterior realizada em sala de aula.

O grande desafio para o trabalho de campo ser realmente incorporado ao processo de aprendizagem da cidade, é relatado por muitos professores:

Atualmente o trabalho de campo fica limitado devido ao suporte pedagógico da escola. As dificuldades são muitas que vão desde apoio, muitas vezes quando acontecem são de improviso sem uma preparação (fundamentação teórica) somente para atender alguns eventos (P₅).

A realidade escolar hoje, não nos capacita para esta responsabilidade (P₂).

Até o presente momento não realizei nenhum trabalho de campo com os alunos nem do ensino fundamental e nem do ensino médio, visto que este tipo de atividade acaba envolvendo o coletivo escolar, a falta de recursos e a indisciplina dos alunos (P₁).

A escola e a legislação educacional dificultam a realização de atividades desse tipo. Salas numerosas que inviabilizam a saída, poucos funcionários para ajudar, falta de recursos (ônibus) para o deslocamento (P₄).

Como vemos, existem muitas dificuldades no âmbito da realidade da escola pública da cidade de Maringá, as condições relatadas pelos professores prejudicam o ensino da cidade e de forma geral do ensino de Geografia, mas essa questão não será possível debatermos neste momento.

A cidade de Maringá possibilita muitas aprendizagens, como coloca o professor P₇ “a nossa cidade apresenta muitas opções para serem explorada pelos alunos e professores no que se refere aos trabalhos de campo”:

Muitos aspectos podem ser estudados, dependendo dos aspectos a serem abordados no que se refere aos aspectos físicos podem ser visitados os parques ecológicos como o Parque do Ingá, bosques, etc (P₇).

O professor P₆ destaca que no trabalho de campo para a observação da paisagem urbana é possível

[...] por exemplo, através da observação perceber: as áreas comerciais, as áreas residenciais, a ocupação irregular, a exclusão geográfica, suas vias de acesso em vários pontos, a dinâmica econômica e cultural de seus moradores (que gera as características particulares dos bairros); as relações sócio-ambientais que se estabelecem; os serviços públicos e os problemas causados pela ausência deles, a saúde pública, enfim os diversos elementos que compõem a paisagem do lugar (P₆).

Assim, em conformidade com vimos na seção 1, Spósito (1996) coloca que para entender a cidade é preciso observá-la. Percebemos então, como o trabalho de campo é importante para compreensão do espaço da cidade, o professor explica que é possível compreender a espacialização das funções da cidade ou meio urbano, sua infra-estrutura, seus problemas, as relações sociais, as contradições, as classes sociais distribuídas na cidade, esses e mais aspectos pode ser estudado considerando a necessidade de encaminhamentos didáticos pedagógicos bem definidos com a preparação do aluno para saber interpretar a paisagem, compreender a cidade, o espaço geográfico e o lugar.

O professor P₈ propõe uma prática de ensino muito interessante, que se trata de trabalho de campo viabilizado de outra forma:

Ao trabalhar o tema cidade preocupo-me em focar a atenção dos alunos para determinados assuntos. Por exemplo: Observar a pavimentação das ruas e infra-estruturas dos bairros. Muitos conteúdos são possíveis de pesquisar sem organizar uma visita específica, no entanto, no final do trabalho gosto de fazer um passeio pela cidade, de ônibus, para constatar o que aprendemos um pouco sobre a nossa cidade, neste passeio a ênfase é dada à questão da cultura, passamos por teatros, igrejas, praças, locais de lazer, bibliotecas, prefeitura, etc (P₈).

Considerando a realidade da escola que já foi discutida, o professor destaca uma prática importante para o ensino da cidade sendo realizada sem a sua participação em uma saída de campo propriamente dita. Assim, o professor P₈ destaca a importância da observação e compreensão do espaço de vivência do aluno, considerando que o aluno tem potencial para realizar a coleta de dados. Porém destaca que no final deste conteúdo o “passeio” pela cidade é fundamental, para aprender sobre as características essenciais da cidade de Maringá, destacando a cultura que é fundamental para a formação do aluno.

Outra prática é evidenciada pelo professor P₄, sendo possível trabalhar com aspectos do espaço da cidade sem ser através de um trabalho de campo em que o professor está presente:

Eu procuro trabalhar de forma que os alunos possam observar aspectos relevantes para o conteúdo, fotografar e entrevistar pessoas e trazer o resultado para a sala de aula onde fazemos a reflexão sobre os trabalhos realizados pelos alunos de acordo com os conteúdos trabalhados (P₄)

Essas práticas são formas de viabilizar o conhecimento da realidade do aluno com o conhecimento escolar, considerando que é possível o aluno realizar as finalidades do trabalho

de campo – observação, registro e análise – quando não é possível a saída de campo com o professor diante das situações apresentada. Essas práticas são consideradas como trabalhos de campo pelos professores pesquisados.

Os principais lugares da cidade de Maringá que foram apontados pelos professores com potencial para o aprendizado da cidade, para compreender suas funções, as relações sócio-ambientais e seu valor simbólico, e também para realizar comparações e análise do espaço urbano são:

O parque do Ingá, a área central da cidade, o Bosque das Grevíleas e outros (P₁).

Os pontos históricos do município, *shopping*, cooperativas da cidade, empresas, o comércio, no bairro onde se localiza a escola (P₂).

Parque do Ingá, centro da cidade, Horto Florestal, aeroporto, *shopping*, etc (P₃).

O comércio, parques, rios e ribeirões, os bairros, ruas e avenidas, indústrias, áreas preservadas (P₄).

A área central (novo centro) a periferia (Santa Felicidade), ribeirões, captação de água da Sanepar, Cocamar, os parques industriais, os novos bairros que interligam as cidades vizinhas, as áreas verdes (parques) de preservação (P₅).

Praça da Catedral e em seu interior, no Parque do Ingá, bairros centrais e periféricos, bem como o uso do solo, áreas industriais e comerciais, aeroporto, o porto seco, a central da América Latina Logística (ALL), o comércio dos bairros, fazendo um paralelo com o comércio central, tratamento de água e esgoto da Sanepar, desde a captação e depois de tratada ser lançada novamente no Rio Pirapó, fundos de vale, a coleta seletiva e tratamento dos resíduos sólidos (lixão) (P₆).

Parques ecológicos como o Parque do Ingá, bosques, rios, teatro Calil Haddad e o Auditório Dona Guilhermina (P₇).

A cidade de Maringá é um espaço com grande potencial de ensino, apresenta muitas possibilidades de compreensão de vários temas do conteúdo cidade e para a Geografia escolar, sendo possível o conhecimento sobre o espaço de vivência do aluno, dos espaços que eles podem explorar para seu desenvolvimento criativo, cultural e de cidadão. Em suma, como afirma Cavalcanti (2002, p. 49) “Reafirmar o direito à cidade é uma maneira de contraposição à organização dominante da sociedade atual, que quer se autodenominar “globalizada”, ressaltando uma tendência de homogeneização dos espaços de seus espaços”. E conclui: “A defesa do direito á cidade para todos os seus habitantes parte do entendimento de

que a produção de seu espaço é feita com a participação desses habitantes, obedecendo a suas particularidades e diferenças”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com o conteúdo cidade no ensino de Geografia, como buscamos enfatizar ao longo desta pesquisa, se apresenta como um momento privilegiado do currículo escolar. Trata-se da possibilidade da apreensão crítica do meio urbano tomado, simultaneamente, como objeto de estudo e espaço de aprendizagens. O estudo da paisagem urbana, em toda sua complexidade e dinamicidade revela-se, deste modo, basilar para que o aluno compreenda mais profundamente os elementos determinantes da organização do espaço e suas contradições. É, ao mesmo tempo, considerando que a vida humana é cada vez mais urbana, uma oportunidade ímpar de apropriação crítica de seu espaço de vivência. Nesse sentido, considerando a postura ética desejável no trato deste tema, buscamos o entendimento da cidade enquanto lugar não somente da reprodução do capital, mas, fundamentalmente, da reprodução da vida humana.

Aprender sobre a cidade é aprender Geografia, sendo possível identificar e compreender muitos de seus conteúdos que estão materializados no espaço da cidade. Ou seja, a cidade é potencialmente um laboratório vivo para o ensino da Geografia escolar, já que o conhecimento que o aluno possui, e que pode ser enriquecido com o ensino mais sistematizado da cidade, possibilita a formação de identidades, do sentimento de pertença em relação ao seu lugar de vivência. Outro aspecto importante é aprender e reconhecer o valor dos espaços da cidade que permitem aprendizagem e logo, da importância de preservá-los, já que também se trata de lugares onde se é possível o desenvolvimento dos indivíduos e da coletividade.

O conhecimento sobre a cidade tem potencial para formar indivíduos atuantes em seu espaço de vivência, no sentido da luta por melhorias das condições da vida urbana. Nesse sentido, é necessário que os alunos entendam todos os processos produtores do espaço urbano e que condicionam a vida humana nesse espaço.

A aprendizagem do conteúdo cidade nas aulas de Geografia, considerando a análise dos dados e informações levantadas com os professores pesquisados, acontece principalmente objetivando a compreensão da cidade ou do espaço urbano, de suas funções, seus problemas e de como se encontra, numa perspectiva analítica e crítica, as condições de vida de seus habitantes.

Sobre a organização e funções da cidade abordam aspectos dos espaços da cidade destinados ao comércio, à indústria, à moradia e como esses espaços estão relacionados com a

vida de seus habitantes. Destacando o espaço da cultura na cidade, sendo estes lugares considerados como de grande potencial para a formação do aluno.

Especialmente, o conteúdo cidade permite a relação com o espaço de vivência do aluno, através da exploração de suas experiências. Como também, possibilita o trabalho de pesquisa em que os alunos coletam informações e produzem dados, adquirindo conhecimentos sobre seu bairro e sua cidade. Por meio do trabalho de coleta de dados, é possível os desdobramentos de muitas atividades que propiciam a formação crítica do aluno, considerando que esta prática permite a análise e debates sobre a realidade estudada.

A cidade de Maringá é trabalhada pelos professores pesquisados principalmente a partir do seu contexto histórico, a sua formação, abordando aspectos físicos e humanos do lugar que foram determinantes para sua consolidação e seu processo de seu desenvolvimento. Sendo possível proporcionar um entendimento das transformações ocorridas no espaço geográfico com a formação das cidades, sempre estudando “o antes e o depois”.

São abordados, também, aspectos positivos e negativos da cidade de Maringá, nos enfoques que tangem a contemporaneidade. De acordo com os professores, as práticas para aprender sobre a cidade são realizadas com a participação “ativa” dos alunos nas atividades pedagógicas; através de pesquisa de campo compreendendo observação e registro para posteriormente em sala de aula ser realizada as análises dos resultados que permitam o desenvolvimento crítico do aluno, momento este, em que o aluno torna evidente para si e para os outros a realidade de seu bairro e da sua cidade.

Os professores são enfáticos em dizer que tratam sempre dos problemas da cidade e dos problemas do bairro onde moram os alunos, por ser tratar do seu espaço de vivência e sendo assim, é necessário ao aluno compreendê-los. Tanto os aspectos negativos que afetam a maioria dos habitantes da cidade, pois a entendemos como um espaço complexo e contraditório, quanto os aspectos positivos da cidade que precisam ser reconhecidos o seu potencial e valor social.

Muitas práticas para o ensino da cidade foram evidenciadas pelos professores e que são desenvolvidas dentro e fora de sala de aula, como também através do trabalho de campo realizado na cidade de Maringá.

A prática de observação do espaço urbano com temas determinados e que estejam relacionadas com as condições de vida de seus habitantes tais como: o transporte público, poluição, infra-estruturas de seus bairros, e também o trabalho de análise do espaço urbano quanto à distribuição espacial dos tipos de moradias que denotam a configuração das classes sociais no espaço da cidade são, de acordo com os dados levantadas, muito utilizados pelos

professores. Assim, em um aprofundamento dessas práticas, é possível aos alunos fotografarem, realizarem entrevistas para a coleta de dados, de modo que possam contribuir com os conteúdos da Geografia escolar que estão sendo abordados em sala de aula. Posteriormente, esse trabalho de campo, possibilita a realização e catalogação das informações, a organização de debates sobre os pontos positivos e negativos encontrados na investigação, confecção de cartazes e painéis que expliquem aspectos relevantes da cidade e do bairro, considerados importantes para determinada comunidade escolar.

A análise da paisagem urbana é uma prática que pretende a compreensão da cidade, da organização de seu espaço, a análise das contradições e diferenças nos modos de vidas da população, da espacialização das classes sociais, dos seus problemas, dos espaços que podem ser apropriadas e que tem potencial para formação do indivíduo urbano. Assim, com a formação do aluno para compreender as formas da cidade, como formas criadas que representam relações sociais e funções que mudam conforme o processo histórico do lugar, o aluno poderá entender a cidade como um espaço geográfico complexo e dinâmico.

Neste sentido, com fotos antigas que mostram as mudanças ocorridas na cidade de Maringá, é possível aos alunos compreenderem as mudanças ocorridas na paisagem e os motivos que levaram as mudanças na aparência [a paisagem] da cidade. Assim, se faz um resgate histórico do processo de transformações e mudanças que a cidade passou até chegar a sua aparência atual, sempre buscando entender que as aparências remetem às funções presentes no espaço urbano.

O conteúdo cidade tem, enfim, grande potencial para aprendizagens de conhecimentos geográficos pelos os alunos, sendo possível a identificação e compreensão de elementos importantes da organização da cidade.

O ensino de Geografia e o tema cidade possibilitam mudanças significativas no ser e no agir dos alunos. Quando o aluno tem o “olhar geográfico” bem desenvolvido, atento às mudanças e transformações em seu espaço de vivência, quando conseguem avaliar os efeitos desses processos na vida da comunidade onde estão inseridos, despertando para o sentido de luta. Permite ao aluno agregar, entre suas diversas preocupações a busca pela melhoria da qualidade da cidade enquanto espaço para reprodução da vida humana – é o sentido da cidadania.

Contudo, as aprendizagens da Geografia escolar e o tema cidade poderão ser importantes para a formação do aluno quando consideramos a cidade como um espaço possível de se apropriar; com as práticas evidenciadas pelos professores e muitas outras, é necessário formar o entendimento e a compreensão de sua organização e de que, como isso

influencia determinantemente a vida de seus habitantes, uma vez que cada cidade permite particularidades para formação de seus habitantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rosângela Doin de. A propósito da questão teórico-metodológica sobre o ensino de Geografia. **Prática de ensino em Geografia**, São Paulo, v. 8, p. 83-90, jul./dez. 1991.

ALVES, Ana Paula Aparecida Ferreira; SAHR, Cicilian Luiza Löwen. Geografia Ensinada – Geografia Viva? Conceitos e abordagens para o ensino fundamental no Paraná. **Revista Discentes Expressões Geográficas**, Florianópolis, ano 05, nº 05, p. 49-60, 2009. Disponível em: www.geograficas.cfh.ufsc.br. Acesso em: 11 out. 2011.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Thousand Oaks e Nova Delhi: Vozes, 2000.

BENTO, Izabella Peracini; CAVALCANTI, Lana de Souza. O ensino do conteúdo cidade na prática docente em Geografia. Goiás. Disponível em: <http://egal2009.easypanners.info/area03/3213_Peracini_Bento_Izabella.pdf>. Acessado em: 11 out. 2011.

BUENO, Laura Machado de Mello. **Planos diretores municipais: novos conceitos de planejamento territorial**. Organizado por Laura Machado de Mello Bueno e Renato Cymbalista. São Paulo: Annablume, 2007.

CABEZUDO, Alicia. **Estratégias educativas en la Ciudad**. 1997. Disponível em <http://www.fuhem.es/media/cdv/file/biblioteca/Gu%C3%ADas/CABEZUDO,%20Alicia,%20Estrategias%20educativas,%20EDUCAR%20CIUDADANIA.pdf>.

CALLAI, H. C. A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? **Terra Livre**, São Paulo, v. 01, n. 01, p. 133-152, jan/jul. 2001.

CALLAI, H. C.; CAVALCANTI, L. S.; CASTELLAR, S. M. V. Lugar e Cultura Urbana: Um estudo comparativo de saberes docentes do Brasil. **Terra Livre**, Presidente Prudente, v. 1, n.28, p. 91-108, jan/jul. 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri (organizadora). **A geografia em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2001.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (Re)Produção do Espaço Urbano**. São Paulo: Edusp, 1994.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Cidade**. São Paulo: Contexto, 2001 (Coleção repensando o ensino).

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007. Disponível em: <www.fflch.usp.br/dg/gesp>. Acesso em: 26 ago. 2011.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Educação Geográfica: A Psicogenética e o Conhecimento Escolar. **Cad. Cedes**, Campinas, v.25, n. 66, p. 209-225, maio/ago. 2005.

CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia** (Coleção Idéias em ação / coordenadora Anna Maria Pessoa de Carvalho). São Paulo: Cengage Learning, 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Bases teórico-metodológicas da Geografia: uma referência para a formação e a prática de ensino. ROSA, Dalva E. G. et al. **Formação de Professores: concepções e práticas em Geografia**. Goiânia: Vieira, 2006. p. 27-49.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Cotidiano, Mediação pedagógica e Formação de conceitos: uma contribuição de Vygostsky ao Ensino de Geografia. **Cad. Cades**, v. 25, n.66, p. 185-207, maio/ago. 2005.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
DIAS, R. J.; Goncalves, J. H. R. (org.). **Maringá e o Norte do Paraná: estudos da história regional**. Maringá: Eduem, 1999.

DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: GEOGRAFIA. Paraná; 2008.

DOLFUSS, Olivier. **O Espaço Geográfico**. Rio de Janeiro: Difel, 1978.

GARCIA, J. C. **Maringá Verde? O desafio ambiental da gestão das cidades**. Maringá: Eduem, 2006.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

KAERCHER, Nestor André. A Geografia Crítica – alguns obstáculos e questões a enfrentar no ensino-aprendizagem de Geografia. Boletim Gaúcho de Geografia/ Associação dos Geógrafos Brasileiros. Porto Alegre, v.28, n. 1, p. 45-65, jan./jul. 2002.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MENDES, César Miranda. **O Edifício no Jardim: um plano destruído. A verticalização de Maringá**. São Paulo, 1992. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo.

MORO, Dalton Aureo (org.). **Maringá Espaço e Tempo**. Ensaio de Geografia Urbana. Maringá: Programa de Pós-Graduação em Geografia-UEM, 2003.

NASCIMENTO, Kate. Aprender sobre a cidade: caminhos e perspectiva no ensino da cidade como conteúdo escolar. Disponível em: http://www.escoladavila.com.br/refle_pedag/artigo%20Kati%20simposio%202006_cs.pdf>. Acessado em: 23 mar. 2011.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: espaço e tempo: razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, Milton. **O espaço do Cidadão**. São Paulo: Nobel , 1987.

SILVA, Sandra Gallo. Cidade e Ensino de Geografia: Contribuição a uma Educação Geográfica *da e para* a Cidade. Porto Velho, RO. Disponível em: <Cidade e Ensino de Geografia: Contribuição a uma Educação Geográfica *da e para* a Cidade>. Acesso em: 23 mar. 2011.

SPÓSITO, Eliseo Savério. **A vida nas cidades**. São Paulo: Contexto, 1994 (Coleção repensando o ensino).

TEIXEIRA, Glaucia, Maguetas Gonçalves et al. Expansão da malha urbana em Maringá. In: SIMPÓSIO EM PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA URBANA, Maringá, 2009.

Sites:

ASOCIACIÓN INTERNACIONAL DE CIUDADES EDUCADORAS. Carta de Ciudades Educadora, 2004. Disponível em : <http://www.bcn.es/edcities/aice/adjunts/Carta%20Ciudades%20Educadoras%20%202004.pdf>. Acessado em: 23 jul. 2011.

http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=41 Acessado dia 18/07/2011 às 21h04min.

<http://maringahistorica.blogspot.com/2010/11/mapa-original-de-maringa.html> Acessado dia 18/07/2011 às 21h07min.

APÊNDICE A – Questionário aplicados aos professores participantes da entrevista

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Trabalho de Conclusão de Curso:

EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E A CIDADE DE MARINGÁ: PRÁTICAS E SABERES

Acadêmica: Fabiana Gomes Fialho.

Orientador: Prof. Dr. Claudivan Sanches.

Identificação:

Nome:

Telefone de contato:

E-mail:

Tempo de atuação profissional na área:

Escola em que atua:

Nível de ensino em que atua:

Questionário:

1. Em sua opinião, qual a importância do tema “cidade” (ou meio urbano) no ensino de Geografia?

Comente:

2. Considerando o conteúdo cidade e os demais temas tratados pela Geografia, como que você aproveita as vivências e experiências dos alunos com o meio urbano durante suas aulas?

Cite alguns exemplos:

3. Que encaminhamentos didático-pedagógicos você considera importantes no desenvolvimento do tema “cidade” em suas aulas? Considerando sua experiência profissional, que práticas são possíveis de serem realizadas?

Comente:

4. Em sua opinião, quais os conceitos geográficos (Espaço, paisagem, lugar etc.) mais importantes para o ensino-aprendizagem do conteúdo cidade?

Comente:

5. Qual a importância dos trabalhos de campo no ensino do conteúdo cidade? Você realiza trabalhos de campo quando ensina esse conteúdo? Se sim, como os trabalhos de campo viabilizam o aprendizado deste conteúdo?

Comente:

6. Como a cidade de Maringá é abordada ou explorada em suas aulas? Que aspectos, positivos ou negativos, são destacados?

Comente:

7. Você utiliza materiais pedagógicos ou publicações (próprios ou de terceiros) que enfatizam a cidade de Maringá?

Comente:

8. Você já realizou trabalhos de campo explorando aspectos da cidade de Maringá? Em quais lugares da cidade?

Comente:

9. Considerando sua experiência com o ensino do conteúdo cidade, quais lugares da cidade de Maringá foram ou poderiam ser visitados e estudados nas aulas de Geografia?

Comente:

10. O tema cidadania é abordado em conjunto com o conteúdo cidade? De que modo você faz isso?

Comente:

APÊNDICE B – Entrevista realizada com o professor P₅

**EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E A CIDADE
DE MARINGÁ: PRÁTICAS E SABERES**

ENTREVISTA:

- 1- Quais as atribuições e as possibilidades que você destaca no ensino de Geografia e o tema cidade.
- 2- Qual a formação que a Geografia escolar pretende construir, considerando a importância de compreender o espaço geográfico e principalmente, o espaço da cidade?
- 3- No questionário você fala sobre os conceitos da Geografia para o ensino da cidade, destacando o Lugar e a Paisagem. Fale sobre isso.
- 4- Quais os aspectos da cidade de Maringá são de grande potencial para o ensino de Geografia? O que é importante aprender sobre ela? Quais os lugares da cidade de Maringá ensinam?
- 5- O trabalho de campo na cidade de Maringá, o que você destacaria sobre sua importância?
- 6- Fale como o ensino da cidade contribui para a cidadania.

APÊNDICE C – Entrevista realizada com o professor P₈

**EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E A CIDADE
DE MARINGÁ: PRÁTICAS E SABERES**

ENTREVISTA:

- 7- Quais as atribuições e as possibilidades que você destaca no ensino de Geografia e o tema cidade.
- 8- Qual a formação que a Geografia escolar pretende construir, considerando a importância de compreender o espaço geográfico e principalmente, o espaço da cidade?
- 9- No questionário você coloca que os alunos ao circular na cidade não prestam atenção a sua organização, e propõe práticas que viabilizem essa aprendizagem. Fale mais sobre isso.
- 10- Considerando o que você coloca: que se o aluno não vivenciar os conteúdos, ele não os assimila, portanto é preciso que ele observe, pesquise e reflita sobre o seu meio para agir melhor sobre ele. Os trabalhos de campo são fundamentais para isso?
- 11- Quais os aspectos da cidade de Maringá são de grande potencial para o ensino de Geografia? O que é importante aprender sobre ela? E quais os lugares da cidade de Maringá ensina? Você também destaca a importante conhecer os espaços culturais da cidade, fale mais sobre isso.
- 12- Por fim, você coloca que quando o aluno conhece sua cidade ele participará melhor das decisões e saberá escolher o que é melhor para ele e para os demais. Você acredita que o ensino da cidade possibilita ser cidadão? Fale-me sobre isso

APÊNDICE D – Entrevista realizada com o professor P₁₀

**EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E A CIDADE
DE MARINGÁ: PRÁTICAS E SABERES**

ENTREVISTA:

- 1- Quais as atribuições e as possibilidades que você destaca no ensino de Geografia e o tema cidade.
- 2- Qual a formação que a Geografia escolar pretende construir, considerando a importância de compreender o espaço geográfico e principalmente, o espaço da cidade?
- 3- Fale como você desenvolve práticas pedagógicas para o aprendizado da cidade.
- 4- Quais os aspectos da cidade de Maringá são de grande potencial para o ensino de Geografia? O que é importante aprender sobre ela? E quais os lugares da cidade de Maringá ensina?